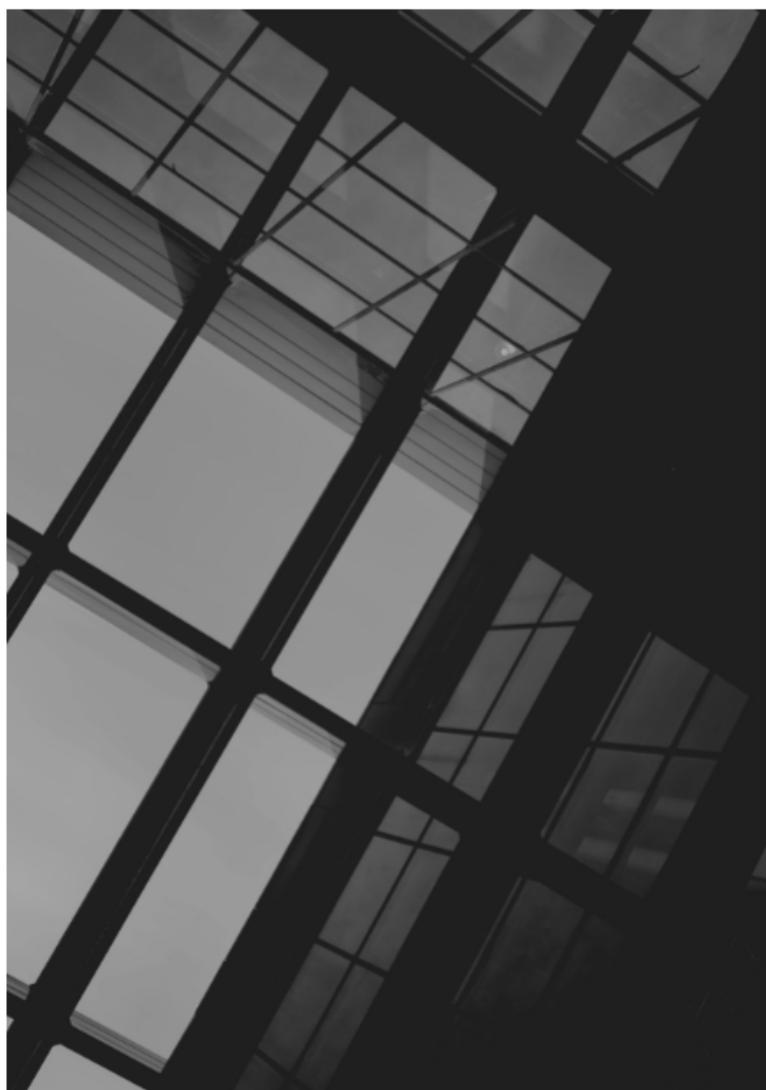
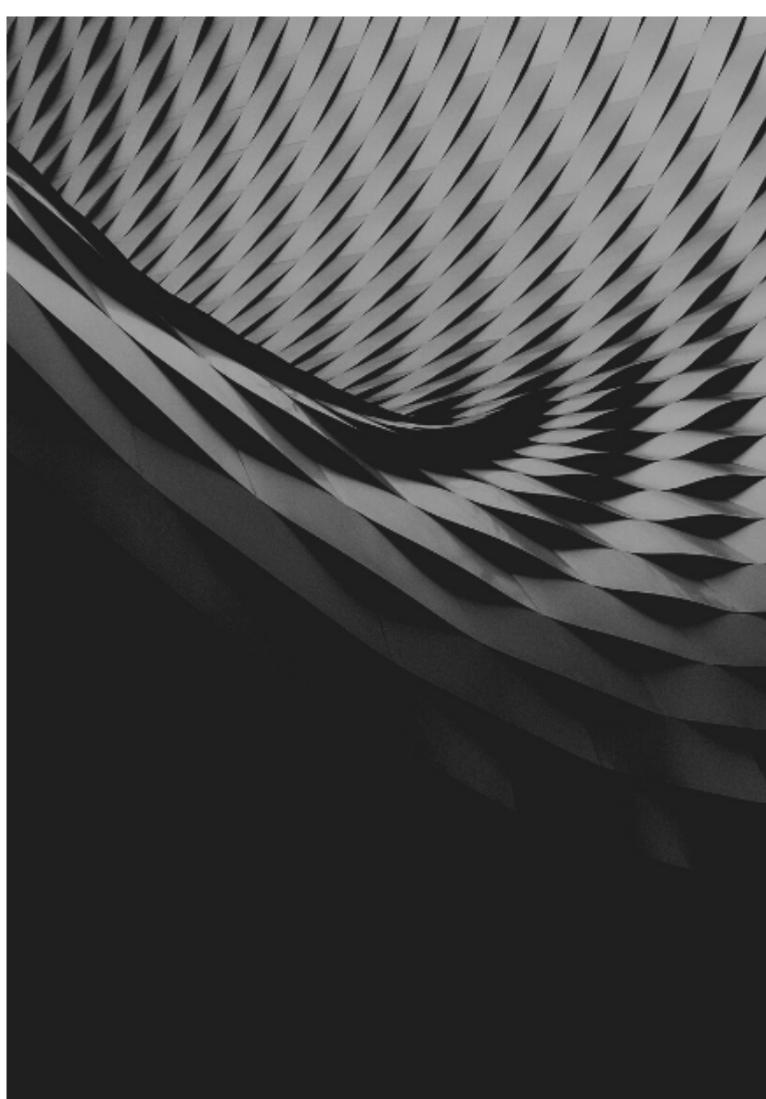


24° ENAPOL



CADERNO DE
RESUMOS

 fflch LINGUÍSTICA



Índice dos resumos

ESTUDO SEMIÓTICO DA MANIFESTAÇÃO DO ASPECTO NA ESCRITA DO TESTEMUNHO HISTÓRICO	5
O PROCESSAMENTO SUBLEXICAL DO ACENTO EM PB	6
COVARIÇÃO NA FALA DE MIGRANTES SERGIPANOS EM SÃO PAULO: RESULTADOS PRELIMINARES	7
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA SOBRE OS CONTRAPONTO DO DIREITO AO ESQUECIMENTO	8
REVISITANDO A AQUISIÇÃO DOS ATAQUES RAMIFICADOS: AFINAL, O QUE CRIANÇAS ADQUIREM AO ADQUIRIR CVV?	9
DETECÇÃO AUTOMÁTICA DE IRONIA POR MEIO DE REPRESENTAÇÕES CONTEXTUAIS	10
OMISSÃO DE ARTIGOS NAS INTERLÍNGUAS DE BRASILEIROS ADQUIRINDO ESPANHOL, INGLÊS OU FRANCÊS	11
NEGAÇÃO PREFIXAL: UMA ABORDAGEM MORFOSSINTÁTICA DE PREFIXOS NEGATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	12
POESIA VISUAL BRASILEIRA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA	13
A REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS CONTADAS POR SURDOS EM UMA LÍNGUA DE SINAIS DO SERTÃO PIAUIENSE	14
EXTRAÇÃO DE CATEGORIAS DOS DADOS PARA A DETECÇÃO AUTOMÁTICA DE DISCURSO DE ÓDIO CONTRA OS DIREITOS HUMANOS EM REDES SOCIAIS	15
VOGAIS ANTERIORES ARREDONDADAS NO CRIOULO HAITIANO E SUA INDEXAÇÃO SOCIAL	16
A ORDENAÇÃO TEMPORAL DE FORMAS SIMPLES E PERIFRÁSTICAS EM SENTENÇAS CONDICIONAIS	17
INVESTIGANDO A LEGITIMIDADE DA SENTENÇA ABSOLUTA: PRIMING COMO MÉTODO	18
A OPRESSÃO NO DISCURSO DE LUCY NOS QUADRINHOS <i>PEANUTS</i> , DE CHARLES SCHULZ	19
MUDANÇA DE PARADIGMA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO CONTATO ENTRE GALEGO E CASTELHANO FORA DA LÓGICA OCIDENTAL	20
A INTERFACE MORFOLOGIA-FONOLOGIA E A (NÃO)CONCATENATIVIDADE MORFOLÓGICA	21
CONTRA A TOTAL OPCIONALIDADE EM PERGUNTAS-QU NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	22
O PROJETO GRÁFICO EM QUADRINHOS EXPERIMENTAIS: EXPLORAÇÕES SEMIÓTICAS	23
VPS IDIOMÁTICOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	24
A VERDADE SOBRE A MATERNIDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA	25

IMPLICAÇÃO E CONCESSÃO: A TENSIVIDADE DO DISCURSO HOMOFÓBICO NA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 2018	26
<i>GRANDE SERTÃO</i> : A POLIFONIA SEMIOTIZADA	27
ALTERAÇÕES DE FALA (SINALIZAÇÃO) EM SURDOS: UM ESTUDO ACERCA DA INTELIGIBILIDADE	28
ANÁLISE DAS CADEIAS ISOTÓPICAS EM PARÁBOLAS ESCRITAS EM LÍNGUA ESPANHOLA	29
RECONSIDERANDO <i>LÍNGUA</i> : CONTRIBUIÇÕES ETNOGRÁFICAS	30
O SAUSSURE DO <i>MÉMOIRE</i> E OS NEOGRAMÁTICOS	31
REPRESENTAÇÕES (SOCIO)DISCURSIVAS DE MIGRANTES E REFUGIADOS NO BRASIL E NA EUROPA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA	32
QUANDO EU FALO DO OUTRO: O DIREITO À VOZ E AS ESTRATÉGIAS DE VISIBILIDADE OU APAGAMENTO DO SUJEITO NO DISCURSO JORNALÍSTICO	33
O SEMISSIMBOLISMO VISTO NA OBRA <i>A ORIGEM DO MUNDO: UMA HISTÓRIA CULTURAL DA VAGINA OU A VULVA VS. O PATRIARCADO</i> , DE LIV STRÖMQUIST	34
ENTRE PATHOS PICTÓRICO E VERBAL: DO EXPRESSIONISMO NA PINTURA E NO ROMANCE <i>ANGÚSTIA</i> , DE GRACILIANO RAMOS	35
DESENVOLVIMENTOS DO INFINITIVO PREPOSICIONADO E DO GERÚNDIO EM CRIoulos E DIALETOS PORTUGUESES	36
OS EFEITOS DE ATITUDES SOBRE HOMOSSEXUALIDADE E DO <i>PITCH</i> MÉDIO NA PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE VOZES MASCULINAS	37
O QUE FAZ A COGNIÇÃO HUMANA ÚNICA? COMENTÁRIO CRÍTICO DE INSPIRAÇÃO WITTGENSTEINIANA	38
A ORGANIZAÇÃO DE AÇÕES SIMULTÂNEAS DA BOCA, DAS MÃOS E DOS OLHOS EM UMA CONVERSA EM LIBRAS	39
“OU” NA FALA INFANTIL: EVIDÊNCIAS DO USO EXCLUSIVO	40
MORFOSSINTAXE DA NEGAÇÃO EM JAPONÊS: UMA ABORDAGEM NÃO LEXICALISTA	41
AVALIAÇÃO DO (PRÉ-)TREINAMENTO DE MODELOS DE QA NA EXTRAÇÃO DE RESPOSTAS BASEADA EM <i>CORPUS</i> A PARTIR DE PERGUNTAS QU-	42
EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: O LUGAR DO ALUNO NA CENA ENUNCIATIVA AULA	43
A MELANCOLIA FREUDIANA À LUZ DA SEMIÓTICA FRANCESA	44
O TRABALHO DO LEITOR DE FICÇÃO EM UMA ECOLOGIA DA COMPOSIÇÃO	45
TRANSFERÊNCIAS DE TRAÇOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS: OS SOTAQUES ESTRANGEIROS NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	46
A PERCEPÇÃO E A PRODUÇÃO PROSÓDICA DE ORDENS, PEDIDOS, SÚPLICAS E AMEAÇAS EM DIÁLOGOS REAIS E ENCENADOS	47
FONÉTICA E FONOLOGIA NO BRASIL (1949-2000): CONSERVAÇÃO E MUDANÇA NO CONHECIMENTO EM CIRCULAÇÃO EM TESES E DISSERTAÇÕES	48
DIALÉTICA AMADIANA: SEMIÓTICA E DIREITOS HUMANOS	49

ENSINO DE GRAMÁTICA: DIFICULDADES DOS ESTUDANTES BRASILEIROS AO EMPREGAR OS VERBOS DO TIPO <i>GUSTAR</i>	50
DISCURSO CONSPIRATÓRIO <i>ONLINE</i> : SANÇÃO E VERIDICÇÃO NOS FÓRUMS DE JOGOS	51
SEMIÓTICA DO BIG DATA: QUESTÕES SOBRE TEXTUALIZAÇÃO E <i>DATAFICATION</i>	52
A SEMÂNTICA NO ENSINO DOS ADJETIVOS NO SINTAGMA NOMINAL DA LÍNGUA INGLESA PARA ESTUDANTES BRASILEIROS	53
O ESTUDO DOS PAPÉIS TEMÁTICOS: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO	54
METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS DE LÍNGUAS INDÍGENAS PARA ANÁLISE SEMÂNTICA	55
A DIMENSÃO MODAL DA HABITUALIDADE NO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO PORTUGUÊS	56
LINGUAGEM CORPORAL E A CENA CONTEMPORÂNEA	57
OS EFEITOS DO CONTATO LINGUÍSTICO ENTRE O NHEENGATÚ E O PORTUGUÊS BRASILEIRO EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (AM)	58
A IDENTIDADE DO ÁLBUM E A ALTERIDADE ENTRE AS FAIXAS	59
A DENÚNCIA CRIMINAL COMO UM GÊNERO: A OPERAÇÃO LAVA JATO	60
COLETA DE DADOS ONLINE E A CONSTRUÇÃO DE UMA AMOSTRA DE FALA PARA O ESTUDO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICAS	61
CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E LÍNGUA NAS GRAMÁTICAS SOBRE A LÍNGUA JAPONESA ELABORADAS POR ESTRANGEIROS ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX	62
A VOZ DO PAPA FRANCISCO: UM <i>ETHOS</i> E UM CAMPO DE PRESENÇA	63
O IDOSO E O JOVEM EM ANÚNCIO PUBLICITÁRIO NO FACEBOOK: UM OLHAR SOB A SEMIOTIZAÇÃO ENTRE O SENSÍVEL E O INTELIGÍVEL	64
EVOCAÇÕES SENSÍVEIS EM <i>TRISTES TRÓPICOS</i> : O PAPEL PRIVILEGIADO DOS SONS NA SEMIOSE DE UM ESCRITO ETNOGRÁFICO	65
UM MODELO DISTRIBUCIONAL PARA PERGUNTAS FACTÓIDES PARA TAREFAS DE PERGUNTA-E-RESPOSTA	66
QUESTÕES DE TRANSITIVIDADE EM CONSTRUÇÕES DE INVERSÃO EM LÍNGUAS BANTU	67
CONSERVAÇÃO E MUDANÇA NA DESCRIÇÃO DAS PARTES DO DISCURSO DA LÍNGUA JAPONESA POR PORTUGUESES, ESPANHÓIS E FRANCESES (1543-1856)	68
A METALINGUAGEM E AS TERMINOLOGIAS PARA DESCRIÇÃO SINTÁTICA NA HISTÓRIA DA GRAMÁTICA: UM ESCRUTÍNIO HISTORIOGRÁFICO	69
PROPOSTAS DE CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS GERMÂNICAS ANTIGAS NO LIMAR DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA LINGUÍSTICA NO SÉCULO XIX	70
ERGATIVIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO CONSEQUÊNCIA DE EMERGÊNCIA EM CONTEXTO MULTILÍNGUE	71
DIFERENÇAS ESTRUTURAIS EM SENTENÇAS COM VERBOS DO TIPO <i>CONVENCER</i> E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO JULGAMENTO DO SUJEITO NULO EM PB	72

OS CINCO SENTIDOS E AS PAIXÕES DO CORPO: ICONIZAÇÃO DE VÍCIOS EM <i>REYNO DE BABILÔNIA</i>	73
PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS POR FALANTES DE POLONÊS COMO LÍNGUA DE HERANÇA NO SUDESTE PARANÁ	74
REPRESSÃO DO ESTADO E AUTOAFIRMAÇÃO HOMOSSEXUAL: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO JORNAL <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> .	75
UM ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO SOBRE O PROCESSAMENTO TÍPICO E ATÍPICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM ADULTOS SURDOS	76
O ENSINO SOBRE O PAPEL DE LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS EM MATERIAIS DIDÁTICOS DO PNL D 2020	77
AS ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO DO EU DISCURSIVO PARA A ATRAÇÃO DO OUTRO NOS DISCURSOS DO VÍDEO <i>ESCOLA DE RICO E ESCOLA DE POBRE</i> DO YOUTUBER WHINDERSSEN NUNES	78
“MAS EVOLUÇÃO EM LINGUÍSTICA É SÓ UMA METÁFORA, NÃO?” – LINGUÍSTICA EVOLUTIVA SOB UMA TEORIA EVOLUTIVA GENERALIZADA: METÁFORA, ANALOGIA OU GENERALIZAÇÃO (OU UNIFICAÇÃO)?	79
INTELIGÊNCIA SEMIÓTICA, TWITTER E CORONAVÍRUS: <i>DEEP LEARNING</i> E ANÁLISE DO DISCURSO	80
SUBVERSÃO DE GÊNERO E IMPRENSA FEMINISTA: UM ESTUDO DAS FORMAS DE VIDA DO SÉCULO XIX	81
A SINCRONIZAÇÃO DA FALA: ASPECTOS DURACIONAIS, PRAGMÁTICOS E VISUAIS NAS FALAS CONJUNTA E SINCRONIZADA	82
COMPOR O CACIONISTA: APONTAMENTOS PARA UMA ABORDAGEM DO ESTILO NA CANÇÃO	83

ESTUDO SEMIÓTICO DA MANIFESTAÇÃO DO ASPECTO NA ESCRITA DO TESTEMUNHO HISTÓRICO

Adriana Elisa Inácio

Em seus *Elementos de Semiótica Tensiva*, Claude Zilberberg descreve o *aspecto* como uma categoria de natureza essencialmente dinâmica, cuja análise se caracteriza pelo “*devenir ascendente ou descendente de uma intensidade*, fornecendo, aos olhos do observador atento, certos *mais* e certos *menos*”. Noção central no âmbito da teoria zilberberguiana, o *acontecimento* apresenta-se, portanto, como um devir súbito e intempestivo (não calculado e, pelo menos a princípio, incalculável) de uma intensidade profundamente excessiva – de um *máximo de mais* experimentado pelo sujeito em termos de uma tonicidade “existencial” paroxística e de um andamento agudamente acelerado, sobretudo no que se refere a sua capacidade cognitiva imediata de elaboração do impacto sofrido. A um acontecimento assim definido, segue-se, tendencialmente, uma resolução discursiva – em resumo: uma “dispersão do acontecimento em palavras” (em se tratando de discurso verbal), isto é, uma atenuação da intensidade (um devir descendente) alcançado por meio da distribuição das valências intensivas ao longo de uma extensidade discursivo-textual. O objetivo deste trabalho é a evidenciação dessa transição entre acontecimento e acontecimento-enunciado na obra *Aucun de nous ne reviendra* [“Nenhum de nós vai voltar”, 1965], da escritora e dramaturga francesa Charlotte Delbo. Membro ativo da Resistência francesa em face da ocupação nazista, Delbo é detida em março de 1942 e deportada, no início do ano seguinte, para o campo de concentração e de extermínio de Auschwitz-Birkenau. Em *Aucun de nous ne reviendra*, a escritora nos dá testemunho de sua passagem por esse campo. A questão que se coloca a partir do trabalho de Delbo, e a partir da prática do testemunho literário de um modo geral, é a seguinte: como colocar em discurso o que não é passível de atenuação (sob pena de perder-se)? Ou, ainda, como “enquadrar discursivamente” o intolerável, sem torná-lo, de algum modo (em algum *grau*), admissível?

Palavras-chave: gramática tensiva; semiótica francesa; aspectualidade tensiva; escrita testemunhal; Charlotte Delbo.

O PROCESSAMENTO SUBLEXICAL DO ACENTO EM PB

Aline de Lima Benevides

Esta pesquisa investiga a natureza do acento primário em PB. Para tanto, parte-se do Modelo de Dupla Via (RASTLE; COLTHEART, 2000; COLTHEART, 2005), o qual propõe que há duas vias de processamento das palavras, conforme seu tipo e sua frequência, a fim de analisar se as diferentes maneiras com que as palavras são processadas influem na maneira com que o acento é atribuído. Na via lexical, são processadas palavras reais e familiares, através do acesso ao léxico fonológico e semântico, bem como pseudopalavras, quando são associadas a uma palavra real. A via sublexical, em contrapartida, é responsável pelo processamento de palavras reais não familiares e de pseudopalavras, através da codificação-decodificação de grafemas em fonemas, ou o inverso. Testa-se, nos experimentos desta pesquisa, em consonância com a literatura acentual (CÂMARA JR., 1970 [2001]; BISOL, 1994; LEE, 1995; MATEUS; D'ANDRADE, 2002; CANTONI, 2013), se os morfemas derivacionais, as sequências probabilísticas e a estrutura silábica final atuam na predição do local em que o acento incide. Assume-se que as pseudopalavras desencadeiam um processamento sublexical, já que não se assemelham a palavras reais e há manipulação de trechos específicos da palavra (n-gramas finais ou estrutura silábica final). Três grupos compreendem os estímulos do experimento: i. pseudopalavras formadas a partir de sufixos que atraem o acento (-ável: *pagável, amável*) ou o repelem (-ic: *técnico, física*); ii. pseudopalavras formadas com sequências probabilísticas de alta frequência e/ou em competição com determinado padrão acentual (-oca: *época, unívoca, pipoca, coca*; -odo: *método, cômodo, todo, rodo*); e iii. pseudopalavras formadas aleatoriamente por meio de um *script* (GARCIA, 2014), a partir das estruturas CV-CV-CV e CV-CV-CVC. Pretende-se, com esse experimento, avaliar qual a relevância de cada uma das variáveis analisadas para a atribuição acentual, a fim de evidenciar a natureza e a complexidade do fenômeno em estudo.

Palavras-chave: acento; processamento de palavras; português brasileiro.

COVARIÇÃO NA FALA DE MIGRANTES SERGIPANOS EM SÃO PAULO:

RESULTADOS PRELIMINARES

Amanda de Lima Santana

As pesquisas de sociolinguística sobre covariação (LABOV, 2006 [1966]; GUY, 2013 etc.) analisam o encaixamento simultâneo de múltiplas variáveis, em determinada comunidade de falantes, com o objetivo de verificar se os indivíduos que tendem a empregar mais a variante a' da variável A também tendem a utilizar mais a variante b' da variável B (OUSHIRO, 2015). Constatando uma correlação, tais estudos buscam também identificar quais são os fatores sociais e linguísticos que promovem essa coesão. No caso da fala de migrantes, uma análise de covariação intenciona compreender se eles empregam as variantes típicas da comunidade anfitriã para todas as variáveis linguísticas em foco ou não. Para esta apresentação, foram analisadas simultaneamente a pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, a realização de /t, d/ diante de [i] e as estruturas de negação sentencial na fala de 27 migrantes sergipanos residentes em São Paulo, de duas redes sociais (MILROY, 1987 [1980]) distintas (uma fechada – caracterizada pelo pouco contato com paulista(no)s – e outra aberta – cujo contato com paulista(no)s é mais frequente). Os objetivos foram verificar se: (i) os migrantes que se acomodaram à fala paulistana em relação à vogal /e/ também o fizeram quanto à /o/ – configurando uma coesão no nível linguístico –; (ii) aqueles que se acomodaram para ambas as vogais também se acomodaram em relação às outras duas variáveis; (iii) alguns fatores sociais explicam os usos de pares de variantes nesse processo (idade de migração e configuração da rede, por exemplo). Os resultados preliminares indicam que a covariação se explica mais por fatores sociais que linguísticos: enquanto não se observa coesão entre o par de vogais (apenas três migrantes se acomodaram tanto para /e/ quanto para /o/), tampouco entre as demais variáveis linguísticas, constata-se que os integrantes da rede aberta e aqueles que migraram mais jovens tendem a ser mais coesos em seus usos linguísticos.

Palavras-chave: covariação; acomodação dialetal; vogais médias pretônicas; pronúncia de /t, d/; estruturas de negação sentencial.

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA SOBRE OS CONTRAPONTO DO DIREITO AO ESQUECIMENTO

Ana Luísa Loureiro Bracarense Costa

Com o advento da internet, o Direito ao Esquecimento ficou praticamente impossível, já que a sociedade é constantemente bombardeada com informações e essas comumente permanecem à disposição dos usuários, ainda que, sobre elas, paire decisão judicial de exclusão. Isso leva ao questionamento quanto à ocorrência de um esquecimento efetivo sobre os fatos demandados juridicamente. Em outras palavras, pergunta-se se é possível haver uma quebra histórica, ou seja, um esquecimento real, já que, no momento em que alguém resgata determinado tema, a princípio já esquecido, essa memória coletiva retorna ao coletivo, possuindo papel fundamental no surgimento de múltiplas interpretações discursivas. Este trabalho, embasado nas perspectivas teóricas da Semiótica de linha francesa, pretende analisar os fenômenos da linguagem por diferentes ângulos, inclusive pela temática do discurso jurídico. Assim, em consideração a votação de fevereiro de 2021 do Supremo Tribunal Federal, que concluiu que o direito ao esquecimento é incompatível com a Constituição Federal, objetiva-se, fundamentando-se na análise semiótica, examinar possíveis efeitos nas leituras sobre o processo de (res)significação dessa decisão, analisando como tal posicionamento pode afetar a legislação vigente. Isso porque é necessário considerar que o Direito é uma disciplina que aprecia os casos de forma singular e a partir de suas particularidades, não podendo ser diferente em relação ao direito personalíssimo, sendo necessária a análise de cada caso, inclusive em contraponto com a memória coletiva.

Palavras-chaves: semiótica; direito ao esquecimento; efeitos de sentido; memória coletiva.

REVISITANDO A AQUISIÇÃO DOS ATAQUES RAMIFICADOS: AFINAL, O QUE A CRIANÇA ADQUIRE AO ADQUIRIR CCV?

Andressa Toni

Esta pesquisa aborda como as estruturas silábicas se desenvolvem no sistema fonológico infantil – especificamente, as estruturas de ataque ramificado CCV (Consoante₁+Consoante₂+Vogal), como em ‘BRAvo’, ‘BLUsa’. A sílaba CCV configura-se como o último tipo silábico adquirido pela criança em Português Brasileiro (PB), por volta dos 5-6 anos (LAMPRECHT, 2004). Neste estudo, buscamos analisar por que a aquisição CCV leva 5-6 anos para ser estabilizada se as consoantes /l, r/ são corretamente produzidas em CV já aos 3-4 anos (LAMPRECHT, 2004). A investigação foi conduzida em três frentes: caracterizar *o que* é adquirido pela criança – descrevendo via estudos experimentais e de *corpora* a frequência de uso de CCV, sua produtividade, aceitabilidade e os processos fonológicos sofridos por CCV na língua-alvo; *quando* é adquirido – comparando a aquisição em PB com o Português Europeu, em que CCV é adquirido por volta dos 3 anos (FREITAS, 1997); e *como* é adquirido – investigando experimentalmente a produção, as estratégias de reparo e a percepção/detecção de erros comuns na fala infantil, como CCV→C1V (/prato/→[‘pa.to], /blusa/→[‘bu.zɛ]). Os resultados apontam CCV como uma estrutura pouco frequente, pouco saliente e opaca: o contraste entre CV-CCV é mascarado i) por processos de neutralização (haplologia entre CCV-CV [LEAL, 2007]); tendência à simplificação CCV→CV em sílabas átonas (OLIVEIRA, 2017) – diferentemente do PE, que tende à formação CV.CV→CCV por elisão vocálica; e ii) pela esparsidade dos pares mínimos CV-CCV, que surgem somente entre as 400 palavras mais frequentes na língua (diferentemente dos pares CV-V, que surgem já entre as 50 palavras mais frequentes). Na fala infantil, estes resultados se refletem numa baixa taxa de detecção de simplificações CCV→CV (45%), indicando que, num primeiro momento, CCV e CV não apresentam valor funcional bem definido. A aquisição CCV em PB caracteriza-se, então, pelo longo percurso à demarcação do contraste fonológico entre CV e CCV, inicialmente estruturas não-contrastivas.

Palavras-chave: fonologia; aquisição fonológica; sílaba.

DETECÇÃO AUTOMÁTICA DE IRONIA POR MEIO DE REPRESENTAÇÕES CONTEXTUAIS

Andressa Vieira e Silva

A ironia é um aspecto marcante no uso das línguas humanas, muito utilizada em nossas conversas cotidianas para falar sobre alguém ou alguma coisa em determinadas situações. Todavia, a interpretação de uma declaração irônica não é uma tarefa simples. Ela depende do conhecimento compartilhado entre os envolvidos no diálogo, do conhecimento de aspectos de interação social e do mundo, do contexto em que foi produzida etc. Na Linguística Computacional, a ironia é tratada como a tarefa de classificar automaticamente um texto em irônico ou não-irônico. Essa é considerada uma tarefa difícil, já que a ironia é inferida a partir de conhecimentos externos ao sentido literal da sentença. Em determinados casos, pistas superficiais, como emojis, palavras de intensificação, utilização de caixa alta e acréscimo de vogais na escrita podem ajudar nesta tarefa. Porém, é difícil detectar a ironia somente com informações superficiais. Por exemplo, em “é tão bom ser acordado às 4h da manhã” é importante saber que ser acordado tão cedo geralmente não é algo bom, indicando que a sentença contém ironia. Portanto, a codificação de informações contextuais e conhecimentos de mundo são muito importantes para a classificação de ironia. A presente pesquisa visa a propor um modelo de detecção automática de ironia a partir de textos extraídos da rede social Twitter. O objetivo é apresentar um classificador de ironia para a língua portuguesa centrado na representação de aspectos superficiais do texto em combinação a contextuais. Para isso, serão utilizadas técnicas de análise de sentimentos para identificação da polaridade (positiva ou negativa) em relação ao que foi dito, além de técnicas de similaridade semântica, como *word embeddings*, para detectar possíveis incongruências entre o sentido literal e o implícito no texto. A expectativa é que essas informações ajudem na detecção de casos complexos de ironia, cujas pistas superficiais estejam ausentes ou falhem.

Palavras-chave: detecção de ironia; processamento de línguas naturais; redes sociais.

OMISSÃO DE ARTIGOS NAS INTERLÍNGUAS DE BRASILEIROS ADQUIRINDO ESPANHOL, INGLÊS OU FRANCÊS

Antonio José Maria Codina Bobia

O Português Brasileiro tem um comportamento diferente de outras línguas românicas ou germânicas em relação ao licenciamento de nomes singulares nus: “brasileiro é trabalhador”. Por esse motivo, estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a aquisição de artigos na qual analisarei o desempenho de estudantes universitários brasileiros de cursos de letras com habilitação em língua estrangeira. Meu objetivo é medir em que contextos há mais omissão de artigos nas interlínguas de estudantes aprendendo espanhol, inglês ou francês. O estudo segue os pressupostos do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995). Mais especificamente, sigo Adger (2003), pressupondo que há uma série de traços formais que regem a arquitetura da gramática e que variam entre as línguas. Assim, para sentenças como “Brasileiro é trabalhador”, os traços seriam $0[-R, +cont, -pl]$: determinante nulo (0), traço expressando genericidade ($[-R$, ou menos Referencial), traço mais contável ($+cont$) e outro menos plural ($-pl$). Esse feixe de traços formais não é licenciado nas outras línguas sob estudo. No experimento, testarei estudantes brasileiros de graduação em letras de diferentes habilitações de um semestre intermediário (20n) e de um semestre final (20n) em 3 línguas: espanhol, inglês, francês, com um total de 120 participantes. Como controle, usarei falantes nativos (10n por língua), além de outro controle de falantes brasileiros (20n). Para a coleta de dados, efetuarei uma tarefa de julgamento de aceitabilidade, uma tarefa de tradução de sentenças e um teste de preenchimento de lacunas. O meu objetivo principal é medir se há convergência de traços nas interlínguas dos participantes da pesquisa e, se houver, em que contextos. Minha hipótese é que haverá mais omissão de artigos nos contextos que mais divergem do PB e que os participantes de nível intermediário terão um desempenho menor que os de nível avançado. Como ainda não coletei dados, não há, por agora, resultados disponíveis.

Palavras-chave: aquisição de segunda língua; nome singular nu; traços formais; minimalismo.

NEGAÇÃO PREFIXAL: UMA ABORDAGEM MORFOSSINTÁTICA DE PREFIXOS NEGATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Beatrice Nascimento Monteiro

A pesquisa desenvolvida tem como objetivo analisar o comportamento morfosintático dos prefixos negativos do PB *a-/aN-*, *de-*, *deS-/diS-*, *i-/iN-* sob a perspectiva do modelo teórico da Morfologia Distribuída. A literatura tem registrado diversas nuances semânticas da negação prefixal em diferentes línguas (JOSHI, 2012). No PB, algo parecido tem sido constatado em relação ao prefixo *des-*, que costuma ser associado às ideias de *negação standard (não X)*, *remoção* e *reversão*, mas não em relação a outros prefixos negativos como *in-*, que parece ter uma realização semântica mais homogênea (SCHER; MONTEIRO, 2020). Diante disso, nosso trabalho desenvolve a hipótese de que as diferenças semânticas na realização desses prefixos negativos dizem respeito ao escopo tomado pelo prefixo na estrutura sintática. Assim, quanto às posições estruturais desses prefixos no PB, acreditamos que existam três possibilidades: o prefixo negativo pode tomar escopo sobre a própria raiz, como em *destruir* e *desistir*, em que, embora a base não seja produtiva, a raiz continua ativa na língua (BASSANI, 2015), o que é perceptível por meio de análise paradigmática, considerando formações como *construir* e *insistir*, por exemplo; sobre um predicado interno ao vP (denotando negação de um estado-alvo pressuposto pelo verbo), como em *desenterrar* e *descongelar*, seguindo o insight de Medeiros (2010); ou sobre um vP, aP ou nP (denotando negação da base) como em *desobedecer* e *desleal*. Em nossa análise, constatamos que os prefixos negativos em análise apresentam comportamento variável com relação ao escopo tomado na estrutura.

Palavras-chave: negação prefixal; morfosintaxe; Morfologia Distribuída.

POESIA VISUAL BRASILEIRA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Brigida Monica Alves da Silva

O poema visual é caracterizado como um texto sincrético, uma vez que se manifesta como um misto de linguagens e de elementos gráficos. O fato da poesia visual ocupar um lugar genuíno entre a poesia linear e as artes plásticas torna problemático seu estudo por meio de abordagens teóricas baseadas exclusivamente nas artes visuais ou na linguagem poética, já que, independente do repertório de estratégias composicionais utilizado pelo poeta, esse tipo de poesia promove um tipo de tratamento das linguagens utilizadas que resulta na alteração do significado convencional das funções da linguagem poética. Valendo-se de poemas visuais produzidos principalmente por autores brasileiros a partir de 1950, esta pesquisa objetiva realizar uma análise semiótica da poesia visual recorrendo ao campo de investigação constituído pela semiótica de linha francesa e seu conjunto teórico trazido por Algirdas Julien Greimas, que adota uma posição investigativa que afirma a especificidade do objeto linguístico por meio de uma rigorosa metalinguagem de dimensão metodológico-descritiva, bem como dos estudos realizados pelo semioticista e colaborador greimasiano Jean-Marie Floch, que oferece uma prática analítica de investigação do significante que privilegia a geração de discursos por meio de um tipo específico de vínculo entre o visível e o inteligível, introduzindo o semissimbolismo como um conceito que fundamenta tal prática e possibilita a utilização de estratégias específicas de produção de sentido nos textos visuais.

Palavras-chave: semiótica; sincretismo; semissimbolismo; literatura; poesia visual brasileira.

A REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS CONTADAS POR SURDOS EM UMA LÍNGUA DE SINAIS DO SERTÃO PIAUIENSE

Bruna Rodrigues da Silva Neres

Várzea Queimada é o nome de um povoado com aproximadamente 900 habitantes localizado no município de Jaicós-Piauí. Esse povoado tem ganhado destaque no cenário nacional devido ao artesanato produzido pelas mulheres da região. Outra particularidade desse povoado é a língua utilizada pela comunidade surda, composta por 34 surdos que ali vivem. O alto índice de surdos concentrados no povoado e o isolamento geográfico dessa região foram os principais motivos para o surgimento dessa língua sinalizada, que existe há mais de 70 anos, denominada de *cena*. A *cena* é uma língua de sinais genuinamente piauiense, criada pelos surdos da Várzea Queimada, e difere da Língua Brasileira de Sinais utilizada no Brasil. Desse modo, a partir do cotejo entre histórias sinalizadas em libras, pretendo investigar como acontece o processo de referenciação e a constituição do significado em narrativas sinalizadas por surdos fluentes em *cena* e identificar as estratégias de referenciação utilizadas por surdos sinalizantes da *cena*. Este trabalho se delinea nos construtos da Linguística Cognitiva, que evidencia a relevância da cognição e da experiência corporal do falante para o desenvolvimento da linguagem. Esta pesquisa se caracteriza como etnográfica, pois foi necessária minha presença, *in locu*, para proceder a uma observação participante e para realizar a coleta dos dados junto aos colaboradores fluentes em *cena*. A história eleita para ser narrada pelos surdos foi a *História da Pera*, produzida em 1970 por Chafe e uma equipe de pesquisadores. A partir das gravações, os vídeos estão sendo transcritos com o Programa Elan (*Eudico Language Annotator*), com enfoque na análise das ocorrências de introdução, retomada de referentes, uso de sub-rogados e *tokens*, para então comparar como esses processos ocorrem nas histórias em Libras.

Palavras-chave: Várzea Queimada; narrativa surda; *cena*; referenciação.

EXTRAÇÃO DE CATEGORIAS DOS DADOS PARA A DETECÇÃO AUTOMÁTICA DE DISCURSO DE ÓDIO CONTRA OS DIREITOS HUMANOS EM REDES SOCIAIS

Bruno Ferrari Guide

A presente comunicação trata dos desafios e soluções encontrados para a execução da tarefa de detectar automaticamente se um determinado texto das redes sociais contém discurso de ódio contra os direitos humanos. Em específico, trata da extração de variáveis que possam servir para aumentar as taxas de acerto de modelos preditivos nesta tarefa. A detecção automática de discurso de ódio é uma tarefa estabelecida do campo da linguística computacional (FORTUNA; NUNES, 2018), mas com amplos desafios que vão desde a definição do que é discurso de ódio (MACAVANEY et al, 2019) até a identificação dos diversos tipos de discurso de ódio (idem). Além disso, tratar de textos produzidos por usuários de redes sociais traz uma camada de desafios à parte (BERTAGLIA, 2017). Neste trabalho, discutiremos todo o *pipeline* proposto para a execução de uma tarefa desse tipo, contemplando desde a coleta dos dados, seu pré-processamento (anonimização e normalização), anotação para identificação de discurso de ódio e, por fim, treinamento e testagem de modelos. Com isso, é esperado que a discussão esteja centrada em como os textos de redes sociais servem de fonte para extração das variáveis que vão compor os modelos de língua para a tarefa proposta: em específico, há variáveis linguísticas como tamanho das sentenças, presença de emoticons, quantidade de caracteres de pontuação no texto e quais as intenções detectadas nas postagens. Além destas, alguns metadados da rede social foram investigados como possíveis variáveis preditoras de discurso de ódio, como o fato de a postagem ser original ou uma resposta, e a quantidade de usuários mencionados na postagem. Por fim, apresentaremos a eficiência das características para a tarefa proposta, avaliando modelos que as utilizam e analisando erros de previsão, contemplando aspectos quantitativos e qualitativos na discussão.

Palavras-chave: linguística computacional; modelos probabilísticos; discurso de ódio; processamento de linguagem natural.

VOGAIS ANTERIORES ARREDONDADAS NO CRIOULO HAITIANO E SUA INDEXAÇÃO SOCIAL

Bruno Pinto Silva

A presente pesquisa tem como objetivo contribuir para a descrição fonético-fonológica do crioulo haitiano (CH). Apesar de o CH estar entre as línguas crioulas mais bem descritas, essa língua ainda é subestudada, especialmente em fonologia, como a maioria dos crioulos (MUYSKEN; VEENSTRA, 1994; SMITH, 2008). Além de pouco estudada, a fonologia do CH conta apenas com descrições impressionísticas. Assim, entendemos que o avanço teórico-metodológico nas áreas da fonética e fonologia tem muito a contribuir para a revisita à descrição da fonologia dessa língua. O recorte da presente pesquisa foca em olhar especialmente para uma questão social que hipotetizamos estar ligada ao arredondamento das vogais anteriores. Essas vogais, apesar de não criarem oposição na língua, são atestadas em algumas descrições como alofônicas e até recebem *status* fonêmico em Férère (1977) (HALL, 1953; VALDMAN, 1978). Reconhecendo o prestígio das variedades ditas acroletais (mais próximas do francês) em relação às variedades basiletais (mais afastadas do francês), entendemos que há grandes chances de a nossa pesquisa revelar, por meio de testes de atitude e entrevistas sociolinguísticas, que as vogais [y ø œ] são empregadas por motivo de prestígio. A presente pesquisa adota a abordagem dos Modelos de Exemplares em que a representação fonológica detalhada capta aspectos de indexação social e de identidade sociolinguística do falante (JOHNSON, 1997; BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT, 2001; FOULKES; DOCHERTY, 2006).

Palavras-chave: crioulo haitiano; fonologia; Modelos de Exemplares; sociofonética; vogais.

A ORDENAÇÃO TEMPORAL DE FORMAS SIMPLES E PERIFRÁSTICAS EM SENTENÇAS CONDICIONAIS

Camila Cristina Silvestre dos Santos

Os estudos sobre a semântica de sentenças condicionais (do tipo: *se p, q*, em que *p* é o antecedente e *q* é o conseqüente) tendem a dispensar pouca atenção a questões de ordenação temporal. Partindo de Crouch (1993), Kaufmann (2005) e Copley (2008) e considerando a rica morfologia modo-temporal do português brasileiro nesse ambiente, o objetivo para esta exposição é, por meio de análise de sentenças contextualizadas, investigar o contraste entre as formas do futuro do subjuntivo simples e perifrástico em sua interação com a ordenação temporal entre *p* e *q*. Dos exemplos abaixo, observa-se que: a) à primeira vista, a forma simples do futuro do subjuntivo parece não favorecer a leitura em que o antecedente é posterior ao conseqüente (1b e 3a); b) esse padrão não encontra paralelo na forma perifrástica, que permite livremente que o antecedente seja tanto anterior (2a) quanto posterior (2b e 3b) ao conseqüente. Em outras palavras, em condicionais cujo antecedente é posterior ao conseqüente, ainda que a forma simples não seja de todo inaceitável, a forma perifrástica parece mais adequada.

- (1) a. Se João fizer a prova amanhã, ele tirará uma boa nota. (Ant anterior a Cons)
b. Se o João fizer a prova amanhã, ele terá que estudar. (Ant posterior a Cons)
- (2) a. Se João for fazer a prova amanhã, ele tirará uma boa nota. (Ant anterior a Cons)
b. Se João for fazer a prova amanhã, ele terá que estudar. (Ant posterior a Cons)
- (3) a. Se João chegar cedo, reservaremos um quarto para ele. (Ant posterior a Cons)
b. Se o João for chegar cedo, reservaremos um quarto para ele. (Ant posterior a Cons)

Palavras-chave: condicionais; tempo; modo; orientação temporal.

INVESTIGANDO A LEGITIMIDADE DA SENTENÇA ABSOLUTA: PRIMING COMO MÉTODO

Camilla de Rezende

A sentença absoluta é uma estrutura intransitiva resultado de uma alternância verbal em que há a promoção do tema para a posição de sujeito, sem que se apresente um agente ou causa (como em “O crachá trocou ontem”). Visto que é gerada a partir de verbos canonicamente transitivos, uma possibilidade é que a absoluta represente uma falha no processo incremental de produção de sentenças, devido a incompatibilidades entre o planejamento e a execução da produção. Se esse for o caso, a absoluta não seria uma estrutura lícita do PB, mas, ao contrário, seria uma forma não licenciada da língua decorrente de lapsos da fala. De acordo com evidência levantada por Ivanova et al. (2012), sentenças agramaticais são produzidas como efeito de priming somente quando o mesmo verbo é usado como prime e alvo, devido à associação entre um verbo específico e uma construção específica. Desse modo, a ativação de determinada estrutura não é suficiente para haver persistência estrutural quando esta resultaria na produção de uma sentença agramatical. Nossa hipótese é que as absolutas são sentenças lícitas e, como tal, estão sujeitas a efeitos de priming estrutural. Para testá-la, produzimos um experimento de produção com priming, ainda a ser realizado com 30 adultos falantes de PB. Camuflada em uma atividade de memória, a tarefa dos participantes é repetir uma sentença (fase de prime) e então descrever uma imagem com um dado verbo (fase de produção). As variáveis independentes são: posição do tema na sentença-prime (pré-verbal/pós-verbal) e tipo de verbo-prime (verbos de alternância causativa/verbos inacusativos).

Palavras-chave: sentenças absolutas; efeito de priming; sintaxe experimental.

A OPRESSÃO NO DISCURSO DE LUCY NOS QUADRINHOS *PEANUTS*, DE CHARLES SCHULZ

Carla Patrícia Silva do Nascimento

Considerando o *éthos* (ou *etos*, na versão aportuguesada do termo) discursivo como escolhas do sujeito, somadas a elementos variados como valores e crenças, sendo historicamente posicionado, temos um discurso em que a construção do enunciado sempre quer dizer algo, impossibilitando um sentido de neutralidade. Entendidos os elementos pertinentes sobre *éthos* discursivo, é necessário alinharmos os conceitos que tratam da semiótica das paixões. Greimas e Fontanille, em *Semiótica das paixões* (1991), estabelecem como discurso semiótico a descrição das estruturas imanentes e a construção dos simulacros que devem dar conta das condições e das precondições da manifestação do sentido e, de certa maneira, do “ser”. É por meio dessa análise que percebemos o sujeito e suas manifestações passionais que envolvem sua subjetividade. Essa subjetivação tem profunda relação com as paixões, transmutadas por experiências humanas, as quais o sujeito vivencia. Essas paixões observadas no discurso oportunizam variadas análises, não fugindo do caráter racional do sujeito, uma vez que sua subjetividade se desenvolve em consonância com seu estado de consciência. Pretende-se analisar, por meio das tirinhas dos “Peanuts”, de que forma Lucy Van Pelt oprime e potencializa o estado depressivo do seu amigo, Charlie Brown. Para isso, analisaremos o *éthos* discursivo pela semiótica das paixões. Como fundamentação teórica, utilizaremos os preceitos da Análise do discurso de Dominique Maingueneau (2005; 2008). Para complementar a análise do discurso, noção de *éthos*, sujeito e enunciação, abordaremos: Amossy (2005), Kerbrat – Orecchioni (2010) e Patrick Charaudeau (2016). Ainda tratando dos pressupostos teóricos, para uma abordagem da semiótica das paixões, serão utilizados os textos de Greimas, Fontanille e Fiorin.

Palavras-chave: *éthos*; paixões; Peanuts; Lucy; Charlie Brown.

MUDANÇA DE PARADIGMA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO CONTATO ENTRE GALEGO E CASTELHANO FORA DA LÓGICA OCIDENTAL

Cecilia Farias

Mesmo a Galícia sendo um espaço sociocomunicativo com um prolongado contato entre galego e castelhano, o contato entre línguas e seus fenômenos (como influência mútua e hibridização) geralmente são estudados como anomalias, exceções, e não como o cerne da interação humana. Na melhor das hipóteses, assume-se um multilinguismo associado à coexistência, no mesmo território, de duas línguas identificadas como entidades separadas – com seus respectivos sistemas de ensino, prescrições gramaticais, etc. –, ignorando-se a criatividade, a versatilidade e a ausência de fronteiras claras que caracterizam a interação humana. Subjaz aqui uma visão de língua como um sistema fechado, autocontido e autossuficiente que evolui segundo uma lógica interna, e o multilinguismo é visto como uma sobreposição de monolinguismos paralelos. Tal concepção se baseia no paradigma científico e intelectual que emerge no início da Idade Moderna e se consolida na formação dos Estados nacionais, empreendendo um projeto de purificação que separa cada vez mais as esferas do conhecimento, criando áreas ontologicamente distintas. Questionando a concepção das línguas como sistemas autossuficientes e ilhados, bem como conceitos tradicionais de parte da linguística de contato (como interferência, empréstimo e *code-switching*), proponho estudar os fenômenos linguísticos que se dão nos espaços multiculturais e plurilinguísticos, em especial a ecologia linguística galega, pelas perspectivas dos trabalhos de Mufwene (2008), Lüpke (2016, 2017), Cobbinah (2019), entre outros, que encaram as línguas como sistemas dinâmicos e autoadaptativos, em constante adaptação à situação de fala, considerando que fatos históricos de natureza política e cultural também atuam como pressões ecológicas nas transformações linguísticas.

Palavras-chave: galego; multilinguismo; contato linguístico; hibridização.

A INTERFACE MORFOLOGIA-FONOLOGIA E A (NÃO)CONCATENATIVIDADE MORFOLÓGICA

César Elidio Marangoni Junior

Num cenário ideal, toda informação morfológica estaria relacionada a uma informação fonológica específica. Segundo Trommer (2008), a morfologia envolveria apenas concatenação e alternância. Todavia, não há um isomorfismo categórico entre morfologia e fonologia: existem casos, como a morfologia dita subtrativa – em que uma dada informação morfológica é dada pela deleção de segmentos, por exemplo – e os processos ditos não concatenativos de formação de palavras – como *blends* (*namorido* > *namorado* + *marido*), e formas truncadas (*brincs* > *brincadeira*) –, em que tal isomorfia é questionada. Os efeitos subtrativos no mapeamento morfologia-fonologia são desafiadores para as teorias de arquitetura da gramática. Mattiello (2013), por exemplo, recorre à postulação de uma morfologia extragramatical. Zimmermann (2017), em sua teoria dos morfemas prosodicamente defectivos, defende que a morfologia funciona por combinação de peças morfológicas e os expoentes não concatenativos emergem de uma noção enriquecida de afixo que permite incluir camadas autossegmentais. Neste trabalho, busco aplicar tal proposta especificamente aos casos de morfologia derivacional citados, avaliando a hipótese de que a não concatenatividade é um epifenômeno de como PF interpreta a estrutura morfossintática derivada (BYE; SVENONIUS, 2012). Nesse cenário, busco elucidar como os casos situados na interface morfologia-fonologia, principalmente os concernentes à Morfologia Prosódica (McCARTHY; PRINCE, 1986/1996), podem nos auxiliar na explicitação de como se dá esse intercâmbio de informações de naturezas diferentes – enfoca-se o debate atual entre a Teoria da Otimidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993) e a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), avaliando a plausibilidade de um modelo híbrido, nos moldes da Otimidade Distribuída (TROMMER, 2001). Caso assumamos a não existência de um léxico gerativo, sendo a derivação de palavras realizada no sistema computacional, seria possível pensarmos numa reconfiguração da inserção de vocabulário que leve em conta a existência de restrições de boa formação morfofonológica atuantes na delimitação do *output* ótimo para uma dada derivação morfossintática?

Palavras-chave: morfologia (não)concatenativa; interface morfologia-fonologia; morfologia subtrativa; afixação prosódica; formação de palavras.

CONTRA A TOTAL OPCIONALIDADE EM PERGUNTAS-QU NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Clariana Lara Vieira

Em uma abordagem Minimalista, o movimento de constituintes não é livre e ocorre “somente se necessário produzir um objeto que as interfaces interpretativas conseguem ler” (HORNSTEIN, NUNES & GROHMANN, 2005). Em outras palavras, a opcionalidade de movimento é, A princípio, incompatível com uma perspectiva minimalista, uma vez que o movimento ocorre apenas quando motivado pela necessidade de checar algum traço e, na presença deste gatilho, ele é sempre obrigatório. No entanto, parece haver nas línguas estruturas opcionais, como é o caso das perguntas-QU em Português Brasileiro – a saber, o QU-movido (“O que o João comeu __?”) e o QU-*in situ* (“O João comeu o quê?”) – e em outras línguas de movimento-QU “opcional”, como o francês e o espanhol. Esta suposta opcionalidade resulta de duas derivações convergentes em significado, mas divergentes em forma. O objetivo deste trabalho é, portanto, demonstrar que as estratégias de pergunta-QU do Português Brasileiro não são de fato completamente opcionais, pois estão sujeitas a restrições: sintáticas, por não poderem ambas as variedades ocorrerem nos mesmos contextos sintáticos; fonológicas, pois parecem se comportar de formas diferentes com relação à atribuição de acento e aplicação de regras fonológicas de fronteira; e, principalmente, pragmáticas, por não serem intercambiáveis em contextos *out-of-the-blue*. A partir de um *corpus* robusto de dados espontâneos adultos e infantis, apresentaremos evidências para diferenciar as estratégias.

Palavras-chave: perguntas-QU; Programa Minimalista; português brasileiro.

O PROJETO GRÁFICO EM QUADRINHOS EXPERIMENTAIS: EXPLORAÇÕES SEMIÓTICAS

Clarissa Ferreira Monteiro

Este trabalho apresentará a pesquisa de doutorado que se encontra em andamento, tendo por objeto o plano de expressão dos quadrinhos denominados experimentais. Histórias em quadrinhos permeiam a vida cotidiana de tal maneira que sua linguagem é facilmente identificável, a ponto de parecer praticamente naturalizada (DISCINI, 2009; PIETROFORTE, 2018). Dada essa familiaridade e conhecimento prévio do que um quadrinho “deve parecer”, chamam a atenção produções que apresentam em seus projetos gráficos abordagens inusitadas, como quadrinhos em “maços de cigarros”, elementos verbais que extrapolam os espaços que lhes são tradicionalmente dedicados, histórias dispostas de maneira que a “página” é uma longa tira de papel, etc. O objetivo desta pesquisa consiste em compreender a construção do sentido nos projetos gráficos nessas produções alternativas, a partir da exploração e observação das relações estabelecidas entre seus elementos linguísticos e extralinguísticos. Tais explorações incluirão desde as relações entre o conteúdo verbal e a forma da expressão no tratamento plástico do verbal, até a disposição do *layout* da página aliada ao suporte de inscrição e seu papel na própria experiência de leitura. Pela apresentação das coerções de leitura já estabelecidas no quadrinho convencional, a pesquisa busca demonstrar como as produções experimentais as subvertem (ou as operam), afetando o contato sensível-inteligível do enunciatário-leitor. Para melhor compreender esta atuação do projeto gráfico, a pesquisa faz uso de autores da teoria semiótica (como Fontanille, Dondero, Groupe μ , Greimas) e fora dela (como Groensteen, Peeters, Barbieri, McCloud): a partir dos últimos, serão introduzidos os elementos convencionais do plano de expressão dos quadrinhos – estabelecendo nossa base de comparação – e, por meio dos primeiros, se busca compreender como as produções alternativas operam as mudanças dentro da linguagem dos quadrinhos, quais são os seus limites e como essas mudanças podem fazer parte de uma prática editorial.

Palavras-chave: quadrinhos; semiótica; plano de expressão; projeto gráfico.

VPS IDIOMÁTICOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Cláudia Coelho

Expressões idiomáticas (EIs) podem ser classificadas de diferentes formas, a depender do ponto de vista adotado. Como o nosso objetivo é investigar o comportamento de determinantes em VPs idiomáticas do português brasileiro (PB), mostrou-se necessária a composição de um *corpus* de EIs baseado em critérios formais e focado em VPs. Para isso, adotaremos os seguintes critérios, reunidos por Harwood et. al (2016):

- (1) a. conter um verbo lexical;
- b. ter interpretação não-literaI;
- c. interagir com sintaxe produtiva;
- d. ser formado por itens lexicais encontrados fora do contexto da EI;
- e. obedecer às regras sintáticas regulares da língua.

(1a) exclui EIs que não constituem um VP. (1b) elimina comparações, colocações e aforismos, pois possuem significados deriváveis e previsíveis. (1c) exclui EIs sentenciais, totalmente fixas. (1d) elimina EIs contendo itens lexicais irregulares, não usados contemporaneamente na língua, pois isso impossibilita determinar se a interpretação da EI é figurativa. (1e) exclui expressões com sintaxe irregular, um fenômeno distinto das EIs, pois desobedecem a regras morfossintáticas. Consideraremos também graus de congelamento das EIs. Nunberg et. al. (1994) propuseram que isso seja feito manipulando as EIs com *modificações, quantificações, topicalizações, elipses, pronominalizações e passivizações*. Essas operações só poderiam ocorrer em EIs cujas partes têm significados identificáveis/interpretações próprias em seus usos idiomáticos e, portanto, são menos congeladas. Com o *corpus* devidamente composto, olharemos o comportamento dos determinantes. São sempre livres/variáveis (BRUENING et al., 2018)? Seu comportamento apresenta dois padrões, correlacionados a outras propriedades sintáticas das EIs (Lebeaux 1988)? Obedecem às regras da linguagem literal (FELLBAUM, 1993)? Podem ser explicados pela “Hipótese de EIs como Fases” (SVENONIUS, 2005; HARLEY e STONE, 2013 etc) e as estruturas nominais propostas por Chomsky (2007) (HARWOOD et al., 2016)?

Palavras-chave: expressões idiomáticas; VPs idiomáticas; determinantes; português brasileiro.

A VERDADE SOBRE A MATERNIDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Cláudia Marques Fernandes Carlucci

O objetivo deste trabalho é, por meio da semiótica de linha francesa, compreender e descrever os mecanismos de construção do efeito de verdade e as estratégias de manipulação utilizadas no interior de textos pertencentes a diferentes esferas do conhecimento: literatura, mídia e publicidade. O *corpus* consiste em dois poemas literatos da contemporaneidade, uma reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo* e um vídeo de campanha publicitária para o Dia das Mães da marca *Natura*. Como linha que une os textos e motivou a escolha de cada um está a temática da maternidade. As principais questões semióticas focalizadas serão, além da manipulação, o intervalo entre veridicção e verossimilhança e o sensível como elã constitutivo da linguagem. A pesquisa pretende elucidar, portanto, indagações como “Quais são as estratégias de manipulação utilizadas pelo sujeito-manipulador?”, “A manipulação pragmática (fazer-fazer) é a prioridade do enunciador ou trata-se de um sujeito que manipula pelo “fazer sentir?”, “O processo de efeito de verdade está cravado na veridicção ou na verossimilhança?”, “Qual é a força do elã e a presença do sensível em cada texto?” e “Quais são as diferenças e as semelhanças entre todos esses mecanismos e essas estratégias nos textos estudados considerando-se as esferas da comunicação a que eles pertencem e as inerentes coerções de seus respectivos gêneros?”. Como hipóteses, acreditamos que, nos poemas, sejam prioritários o ajustamento estésico e o “fazer sentir”. Na reportagem, as estratégias do sujeito-manipulador concentram-se mais no “fazer querer”. No vídeo publicitário, por sua vez, assim como nos poemas, há um enunciador que quer emocionar. No entanto, diferentemente dos textos poéticos, essa “emoção” é usada como elemento fundamental para que a manipulação pragmática (fazer-fazer) seja bem-sucedida.

Palavras-chave: maternidade; efeito de verdade; veridicção; verossimilhança; manipulação.

IMPLICAÇÃO E CONCESSÃO: A TENSIVIDADE DO DISCURSO HOMOFÓBICO NA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 2018

Cleide Lima da Silva

No estudo da semiótica tensiva, Zilberberg (2011) opõe os termos *concessão* e *implicação*. No caso da concessão, o efeito e a causa operam em discordância: “*embora a, entretanto b*”. Já na implicação, o resultado e a circunstância se equiparam: “*se a, então b*”. Ao examinar os contrastes entre esses conceitos, Fontanille e Zilberberg (2001) observaram que a forma implicativa em relação à concessiva é mais estudada, porém, não tem o mesmo impacto de manter o interesse do enunciatário que esta tem. Em nosso trabalho, temos como proposta analisar algumas declarações de Bolsonaro que repercutiram durante a campanha eleitoral de 2018, as quais revelam um discurso homofóbico. A intolerância que encontramos no discurso de Bolsonaro é constituída majoritariamente pela forma implicativa, a qual reflete um dado sistema de valores e crenças e uma narrativa de sanção (BARROS, 2011). Tais declarações preconceituosas do então candidato à presidência ressoaram entre o eleitorado feminino e tiveram efeitos diversos. De um lado, um grupo de mulheres absolutamente contrário ao discurso de Bolsonaro, do outro, uma parcela de apoiadoras que se identificou com o discurso do presidenciável. Com esses indicativos, procuramos identificar, como o discurso homofóbico, originalmente na sua forma implicativa, convoca passionalmente diferentes atores coletivos. Nas interações discursivas entre o destinador Bolsonaro e suas destinatárias, operações de conjunções e disjunções provocam relações tensivas entre esses atores políticos, ora implicativas, ora concessivas, mas, por portarem fortes relações axiológicas, criam condições propícias para gerar forte impacto tensivo de um lado e do outro.

Palavras-chave: discurso homofóbico; implicação; concessão; tensividade.

GRANDE SERTÃO: A POLIFONIA SEMIOTIZADA

Daniela dos Santos

Mikhail Bakhtin criou o conceito de polifonia – uma metáfora vinda da teoria musical – para designar romances em que ação representa a vida no seu fluir vasto, lento e profundo. Bakhtin não fez uma sùmula de seus conceitos, de modo que a polifonia ainda não é bem definida, causando divergências e mal-entendidos entre seus estudiosos. Dessa forma, nosso objetivo é operacionalizar o conceito, mostrando-o como um fazer-sentir do enunciatário, além disso, expondo como pode ser aplicável em outros romances, não apenas nos de Dostoievski – ou seja, tornando-o aplicável e repetível. Para isso, nosso *corpus* será o romance de João Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas*. Em um primeiro momento, demonstraremos que *Grande Sertão* é um romance polifônico a partir de um diálogo velado entre Riobaldo e seu interlocutário (“o senhor”). O romance em pauta carrega a síntese do gênero sob a perspectiva do filósofo russo: os problemas e as contradições desta vida não se resolvem, são irremediavelmente contraditórios, o universo de sentido é plural, a construção semiótica dos atores é, antes de qualquer coisa, a representação de consciências plurais, nunca de um “eu” único, mas produto da interação de muitas consciências, dotadas de valores próprios, que interagem ao longo da narrativa, preenchendo, com suas vozes, as lacunas deixadas no enunciado de seus interlocutores. Em um segundo momento, buscaremos demonstrar como a polifonia está, também, adensada no ator do enunciado Riobaldo. Isso será feito na medida em que ele se apresenta na ordem do inacabamento actorial, sendo fundamental, para a noção de ator, as bases teóricas oferecidas pela semiótica discursiva (GREIMAS; COURTÉS, 2008). Por fim, nosso objetivo final é demonstrar como essas lacunas, de acordo com as teorias de Eric Landowski (2009), levam o enunciatário roseano a deslizar para os eixos do ajustamento e acidente.

Palavras-chave: semiótica discursiva; sociosemiótica; Landowski; polifonia; Bakhtin; romance; Guimarães Rosa; *Grande Sertão: Veredas*.

ALTERAÇÕES DE FALA (SINALIZAÇÃO) EM SURDOS: UM ESTUDO ACERCA DA INTELIGIBILIDADE

Delmir Rildo Alves

Esta pesquisa tem como objetivo realizar um estudo sobre a inteligibilidade da fala/sinalização alterada em surdos. Tyrone (2014), na ASL (*American Sign Language*), bem como Xavier e Barbosa (2017), na Libras (Língua Brasileira de Sinais), em suas pesquisas, tiveram contato com surdos que apresentavam alguma alteração motora, cuja consequência ocasionava a alteração na fala/sinalização. Ainda segundo Xavier e Barbosa (2017), essa alteração pode afetar a compreensão do interlocutor. Pretendemos com esta pesquisa analisar os aspectos que dificultam a inteligibilidade da sinalização. Para tanto, a obtenção de dados será feita com surdos com Encefalopatia Crônica Não Evolutiva que apresentem alterações na sinalização. A avaliação da inteligibilidade da sinalização desses indivíduos será realizada por surdos, intérpretes de Libras e por fonoaudiólogos com conhecimento de Libras. Para a avaliação da inteligibilidade da fala, os avaliadores utilizarão os critérios propostos por Souza, Marques e Scott (2010). Também pretendemos elaborar uma escala para a autoavaliação da inteligibilidade e adaptar a Escala de Inteligibilidade em Contexto de McLeod, Harrison e McCormack (2012) para a avaliação na língua de sinais. Essa pesquisa terá um caráter exploratório, pois não há publicações suficientes a respeito dessa temática para a realização de comparações ou para análise com padrões típicos de sinalização. Por meio desta pesquisa, pretende-se contribuir com os estudos e práticas âmbito da Linguística Clínica, o que impactará em áreas aplicadas à saúde, como a fonoaudiologia, que se utiliza da inteligibilidade para verificar a presença de alterações, necessidade de intervenção e verificação dos objetivos alcançados. O impacto deste trabalho também alcança a área da Educação, pois sendo a inteligibilidade uma faceta da comunicação, sua compreensão contribui para práticas pedagógicas direcionadas a alunos com alterações na sinalização.

Palavras-chave: língua brasileira de sinais; inteligibilidade; linguística clínica.

ANÁLISE DAS CADEIAS ISOTÓPICAS EM PARÁBOLAS ESCRITAS EM LÍNGUA ESPAÑHOLA

Demócrito de Oliveira Lins

Considerando que o objeto de estudo da semiótica é o *sentido*, pretendemos, à luz da semiótica francesa e, considerando o nível discursivo do percurso gerativo do sentido, analisar como as cadeias isotópicas vão sendo construídas e de que modo contribuem para a construção do duplo sentido de parábolas escritas em língua espanhola. Até o momento, revisitamos o conceito de *sentido* e observamos que, apesar de que por trás dos projetos teóricos sempre há o intuito de construção de modelos de previsibilidade, considerando a anuência por parte dos fundadores da semiótica da indefinibilidade do conceito de sentido, nos questionamos até que ponto pode-se prever aquilo que é indefinível. Parece-nos evidente que, antes de qualquer desdobramento teórico, é preciso haver uma descrição satisfatória e o mais consensual possível de seu objeto, para só então, poder pensar em alguma extensão de tal teoria. Como referencial teórico temos a Greimas & Courtés (2008); Greimas (1973); Bertrand (2003); Fiorin (1996); Barros (1990, 2001), Postal (2007), entre outros. Embora já tenhamos escolhido o corpus para a pesquisa (parábolas presentes nas duas partes da obra *La culpa es de la vaca* de Jaime Lopera Gutiérrez e Marta Inés Bernal Trujillo), até o momento de envio deste resumo, ainda não começamos a análise semiótica detalhada das cadeias isotópicas, conquanto confirmamos que as parábolas, de fato, se caracterizam pela pluralidade de isotopias figurativas possíveis para significar uma única isotopia temática, na qual diversas narrativas diferentes trazem uma mesma mensagem axiológica.

Palavras-chave: semiótica francesa; cadeias isotópicas; língua espanhola.

RECONSIDERANDO *LÍNGUA*: CONTRIBUIÇÕES ETNOGRÁFICAS

Dora Savoldi da Rocha Azevedo

O trabalho propõe um diálogo entre uma descrição da língua Tukano (RAMIREZ, 1997) e registros etnográficos que trazem à tona concepções indígenas sobre a linguagem (ver, por exemplo, CHERNELA, 2013, 2018; HAUCK, 2018; COURSE, 2018), esboçando maneiras de incorporar essas noções à pesquisa propriamente linguística. Aborda-se a não-equivalência ontológica (COURSE, 2013) entre as diversas concepções de língua, isto é, o fato de que *o que é a linguagem* varia entre os diferentes povos e culturas. O conceito de *perspectivismo interespecífico* (cf. VIVEIROS DE CASTRO, 1996, 2002, 2018) é trazido à luz, em uma tentativa de vincular também o conceito de língua à virada ontológica proposta na antropologia social, a fim de dissolver as dicotomias em que a concepção ocidental de língua se ampara. A partir disso, pretende-se criar fundamentos que permitam empreender uma investigação sobre línguas indígenas mais verossímil com relação ao objeto analisado. Ao mesmo tempo, busca-se compreender de que maneira é possível aproximar a concepção de naturezas múltiplas da linguagem (HAUCK; HEINRICH, 2018) dos estudos linguísticos descritivos, através do exame de dados do Tukano, uma língua pertencente à ecologia sociocultural do Alto Rio Negro. Alguns dados relativos à morfologia do Tukano são discutidos à vista das considerações acima aludidas, questionando se uma a concepção de linguagem a partir de uma perspectiva ontológica distinta (indígena) pode alterar significativamente a análise descritiva de uma língua. Nesse sentido, esta pesquisa também contribui para o desenvolvimento da linguística antropológica, campo dedicado ao estudo da língua dentro do contexto sociocultural em que se insere, visando à análise dos significados emergentes dessa relação (FOLEY, 1997). Embora o interesse crescente no estudo de línguas minoritárias tenha levado à elaboração de teorias de natureza linguístico-antropológica, esse campo ainda aponta para alguns caminhos pouco explorados, alguns dos quais este trabalho se propõe a percorrer.

Palavras-chave: virada ontológica; perspectivismo; naturezas da linguagem; linguística antropológica; tukano.

O SAUSSURE DO *MÉMOIRE* E OS NEOGRAMÁTICOS

Edgard Bikelis

Visamos apresentar, nesta comunicação, alguns resultados de nossa pesquisa de doutorado sobre o *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes*, publicado em 1879 por Ferdinand de Saussure (1857-1913). Mesmo sendo celebrado, por seus pósteros, como o autor do *Curso de Linguística Geral* de 1916, em vida seu reconhecimento deu-se mormente pelo seu magistério e pela publicação do *Mémoire* (SANDERS, 2004:2), em que Saussure busca reconstruir o sistema vocálico do (proto-)indo-europeu. Para este estudo, arregimentamos a metodologia da Historiografia Linguística que, segundo Altman (2012:29), é a disciplina que busca “descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo.” Swiggers (2012:43) divide em três etapas essenciais o trabalho historiográfico: a heurística, da constituição do *corpus* de fontes textuais; a hermenêutica, de interpretação contextualizada desses textos e a busca da relação com outros textos, autores, e tradições; e a etapa de escrita da história, em que se busca construir uma narrativa sobre o passado dos estudos linguísticos. Nesta pesquisa, nós nos temos debruçado sobre etapa heurística, ao estabelecermos, traduzirmos, e comentarmos o texto do *Mémoire* de Saussure a partir de sua primeira edição. Munidos desses subsídios, tratamos da redação da narrativa da história, objetivo final de nossa pesquisa, apresentando nossa interpretação sobre a relação entre o *Mémoire* de Saussure e os trabalhos dos estudiosos ditos Neogramáticos, como Karl Brugmann (1849-1919) e Hermann Osthoff (1847-1909). A recepção imediata de sua obra oscilou entre a acusação de que Saussure plagiou seus professores, feita por Osthoff mesmo (OSTHOFF, 1879 e 1881) e, no extremo oposto, a defesa de sua enorme originalidade (KOERNER, 1985:324; JOSEPH, 2012:129). A partir da análise quantitativa das citações feitas no *Mémoire*, buscamos esclarecer a relação dessa obra e a tradição do estudo diacrônico das línguas indo-europeias.

Palavras-chave: Saussure; proto-indo-europeu; vocalismo; *Mémoire*; neogramáticos.

REPRESENTAÇÕES (SOCIO)DISCURSIVAS DE MIGRANTES E REFUGIADOS NO BRASIL E NA EUROPA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Edna Clara Januário de Araújo

Este projeto se volta para o exame das representações (socio)discursivas de migrantes e refugiados no quadro de um fenômeno social que, além de atingir proporções mundiais, evidencia as crises humanitárias contemporâneas. Nos últimos anos, temos testemunhado um aumento exponencial no fluxo migratório, com os maiores níveis de deslocamento já registrados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Nesse cenário, os indivíduos deslocados têm sido usualmente representados por órgãos políticos e midiáticos, que falam por ou sobre eles. Assim, o olhar da população sobre esses sujeitos é direcionado por discursos institucionais, que propiciam a perpetuação de estereótipos e representações que orientam o modo de pensar e agir da sociedade. Os próprios termos utilizados para designar aqueles que se encontram em situação de deslocamento são motivo de debate, tendo em vista o valor semântico que se atribui a nomes como “(i)migrante”, “refugiado”, “exilado” ou “estrangeiro” - legitimando ou repudiando determinados grupos. Em vista disso, propomos, neste projeto, uma pesquisa que se volta para a análise - à luz da análise do discurso em sentido amplo, e, mais especificamente, no campo da semiótica discursiva - de narrativas de vida de migrantes e refugiados, bem como para o exame de documentos jurídicos (leis e acordos/tratados internacionais) e textos midiáticos (notícias e reportagens) que tratem dessa temática. Entre os Estados europeus, daremos enfoque àqueles que são banhados pelo Mar Mediterrâneo e que, conseqüentemente, recebem o maior número de migrantes. Entre os países da América Latina, focalizaremos o Brasil, não apenas por se tratar do contexto em que nos inserimos e por sua extensão territorial, como também pela projeção internacional que o país tem adquirido nesse cenário, fazendo parte dos principais tratados que dizem respeito à migração e ao refúgio.

Palavras-chave: representação (socio)discursiva; semiótica discursiva; migrantes; refugiados.

QUANDO EU FALO DO OUTRO: O DIREITO À VOZ E AS ESTRATÉGIAS DE VISIBILIDADE OU APAGAMENTO DO SUJEITO NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Fernando Moreira

Pretende-se construir uma observação crítica sobre a representatividade identitária da alteridade na mídia a partir de uma abordagem transdisciplinar guiada pelos pressupostos caros à Semiótica: o princípio de imanência e o de estrutura. Para responder à seguinte pergunta de pesquisa: “Como são construídos, em discursos jornalísticos, os estatutos dos sujeitos historicamente marginalizados?”, faremos uma análise tomando reportagens publicadas nos jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*. As referidas reportagens a serem analisadas versarão sobre três grupos sociais: populações LGBTQI+, populações negras, pessoas com deficiência; e que tenham sido publicadas nas seguintes datas: i) 28 de junho, Dia Internacional do Orgulho LGBTQI+, uma referência à data em que frequentadores do bar Stonewall Inn, nos EUA, reagiram às frequentes batidas policiais repressivas no local; ii) 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, criado no calendário escolar em 2003 e oficializado em âmbito nacional só em 2011 em uma alusão à data em que se atribui a morte de Zumbi dos Palmares; iii) 21 de setembro, Dia Nacional da Luta da Pessoa com Deficiência, data oficialmente instituída no Brasil em 2005, mas comemorada desde a década de 1980, escolhida por ser, também, a da chegada da primavera ao hemisfério sul. A escolha das datas se dá por reconhecer que o discurso jornalístico segue padrões de agenda setting, operando por repetições. Para delimitar ainda mais o corpora, tornando a análise possível, escolhemos fazer estudo comparativo entre os anos de 2000 e 2020. A ideia com a análise semiótica, que partirá da semântica discursiva em busca da identificação de sua sintaxe, é perceber em que medida esses temas surgem apenas por imposição coercitiva, reiterando estereótipos e / ou repetindo formatos de anos anteriores, ou, ao contrário, preocupam-se com questões sensíveis a essas populações, promovendo o debate sobre a inclusão efetiva e a alteridade.

Palavras-chave: alteridade; discursos midiáticos; LGBTQIA+; pessoas com deficiência; populações negras.

O SEMISSIMBOLISMO VISTO NA OBRA *A ORIGEM DO MUNDO: UMA HISTÓRIA CULTURAL DA VAGINA OU A VULVA VS. O PATRIARCADO*, DE LIV STRÖMQUIST

Gizelia Mendes Saliby

O sincretismo entre o segmento verbal e visual presente na novela gráfica “*A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*” da quadrinista Liv Strömquist manifesta o sentido por meio dos sistemas semissimbólicos. Segundo Greimas (1981), o semissimbolismo se estabelece como uma relação entre uma categoria do significante e uma categoria do significado, relação necessária entre o plano da expressão e o plano do conteúdo do texto. A análise que nos propomos é a de investigar de que forma os sistemas semissimbólicos atuam na construção do sentido que se entranha entre a relação dos dois planos de linguagem. De acordo com Floch (1985) toda semiótica plástica é semissimbólica, uma vez que podemos relacionar semissimbolicamente categorias do plano do conteúdo a categorias do plano da expressão; sendo de ordem sincrética, o gênero novela gráfica costura o sentido entre os dois planos de linguagem, sendo a imagem e seus formantes eidéticos, topológicos e cromáticos manifestados na expressão. Dessa forma, nos propomos a olhar como estruturas plásticas se relacionam com estruturas verbais no semissimbolismo produzindo sentido.

Palavras-Chave: semissimbolismo; feminismo; plasticidade; semiótica visual; sincretismo.

ENTRE PATHOS PICTÓRICO E VERBAL: DO EXPRESSIONISMO NA PINTURA E NO ROMANCE *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS

Gustavo Maciel de Oliveira

A presente comunicação explora dados de nossa pesquisa de doutorado, que visa estabelecer uma aproximação entre o romance *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, e a vanguarda expressionista na pintura, representada por “precursores” (EDVARD MUNCH; VAN GOGH) e figuras dos grupos Die Brücke e Der Blaue Reiter, que compuseram movimentos artísticos surgidos na Alemanha do início do século XX. Nossos objetivos centrais são a investigação e levantamento dos mecanismos semióticos que permitem ser o romance *Angústia* constantemente chamado “expressionista” por autores de sua fortuna crítica, mas também um estudo da dimensão passional do discurso pictórico, já que a maioria dos trabalhos feitos até agora em semiótica sobre tal assunto tratou sobretudo da linguagem verbal. Realizamos, assim, um cotejo entre o romance e um corpus de pinturas escolhidas a partir de um critério pertinente à pesquisa: a possível dimensão passional atribuída às pinturas expressionistas, que é aproximada à dimensão figurativo-passional do romance. Para tanto, fazemos um apanhado geral das acepções do termo expressionismo e uma apreensão geral dos mecanismos semióticos que o caracterizam, gesto que é seguido de um cotejo entre o romance e os mecanismos semióticos explorados pelas pinturas escolhidas. Nesse desiderato, dialogamos sobretudo com a semiótica francesa e seus desdobramentos na semiótica das paixões, na semiótica plástica e na semiótica tensiva. Ao fim e ao cabo, o romance *Angústia*, por sua exploração “excessiva” das figuras que remetem aos sentidos, atrela paixão e percepção. Ao fazer isso, o romance serve a aproximações com as pinturas expressionistas porque estas exploram a intensidade das cores, o excesso da textura, a deformação figurativa, dentre outros mecanismos, que, por suas características tensivas, são vistos pelos estudiosos da pintura como passionais, o que nos permite também desbravar elementos gerais do modo como se articula a dimensão passional no discurso pictórico.

Palavras-chave: pathos; romance *Angústia*; pintura; expressionismo; tensividade.

DESENVOLVIMENTOS DO INFINITIVO PREPOSICIONADO E DO GERÚNDIO EM CRIoulos E DIALETOS PORTUGUESES

Gustavo Micael Gomes Martins

O processo de gramaticalização tende a levar ao surgimento de novas formas de expressão numa língua, substituindo configurações antigas por outras, mais novas, formadas através de construções comuns (TRAUGOTT & HEINE, 1991). Esses processos se tornam especialmente interessantes no contexto do contato de línguas e formação de *crioulos*, onde as diferenças entre as línguas em contato pode resultar em profundas reanálises dos sistemas linguísticos envolvidos. É através desses processos que vemos a expansão das construções de estar + infinitivo preposicionado (*estar a fazer*) nos crioulos de base portuguesa. Altamente usado em Portugal (MARTINS, 2019), o estar + infinitivo preposicionado se tornou uma forma de expressão extremamente versátil nos crioulos que surgiram a partir do português médio, passando a representar todo um espectro de marcações temporais no passado e futuro. A presença inequívoca desses dados indica a alta popularidade do infinitivo preposicionado, especialmente em sua forma precedida de *estar*, no Português Europeu. Percebe-se nessas línguas também estratégias bastante diversas quanto aos processos sofridos pela estrutura e um grau avançado de gramaticalização da construção em várias delas. Ao mesmo tempo, no português brasileiro as construções de gerúndio no geral e as de *estar + gerúndio* particularmente também se vêm cada vez mais fortalecidas, ocupando espaços que, anteriormente, eram ocupados por construções de presente sintético (falo com você vs estou falando com você). Lido no contexto de outras mudanças em curso, esse fenômeno aponta para a crescente força das construções perifrásticas na gramática do português. A pesquisa atual lança mão de dados disponíveis em *corpora* de língua portuguesa e de crioulos portugueses (APICS, Corpus do Português) para traçar o percurso evolutivo das construções de gerúndio e infinitivo preposicionado nessas línguas, visando a identificar e datar padrões de divergência e emergência de novas estruturas gramaticais.

Palavras-chave: gramaticalização; português; crioulos; gerúndio; infinitivo preposicionado.

OS EFEITOS DE ATITUDES SOBRE HOMOSSEXUALIDADE E DO *PITCH* MÉDIO NA PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE VOZES MASCULINAS

Isabel Pie

Esta apresentação discute o experimento inicial de uma pesquisa que investiga a emergência de significados sociais (ECKERT, 2008; 2012; 2016) associados a gênero e sexualidade. Nesse primeiro experimento, explora-se o efeito da frequência fundamental média (*pitch* médio) e de atitudes sobre homossexualidade na percepção de vozes masculinas. As hipóteses a serem testadas são: (i) um aumento do *pitch* médio na voz masculina leva à percepção de que um indivíduo soa mais gay e efeminado e (ii) ouvintes que mantenham posições mais conservadoras sobre homossexualidade se mostram mais sensíveis a tal aumento. Para testar tais hipóteses, utilizou-se o método *matched-guise* (LAMBERT et al., 1960, *inter alia*), organizando-se estímulos que se diferenciam somente no que diz respeito à variável linguística em foco (neste caso, *pitch* médio). Parte-se de Levon (2014), que trabalhou com apenas duas variantes da mesma variável (*pitch* médio original e com aumento de 20 Hz), além de outras duas variáveis sociolinguísticas. A este experimento inicial interessa verificar os efeitos de um aumento ainda maior do *pitch* médio (40 Hz) nas reações dos ouvintes aos diferentes disfarces de vozes masculinas, além dos efeitos do aumento de 20 Hz, comparados às percepções diante do áudio original. Para verificar se a percepção sociolinguística dos ouvintes está correlacionada à sua atitude diante da homossexualidade, esta é medida por um questionário psicológico elaborado com base na *Escala Multidimensional* de Gato et al. (2012). Foram coletadas *online* respostas de 284 participantes, e então analisadas utilizando-se a plataforma R (R Core Team, 2021). Os dados indicam ausência de correlação entre os aumentos de *pitch* médio e percepções sobre quão gay ou efeminadas soam as vozes, o que vai de encontro aos resultados obtidos por Levon (2014). Tal resultado pode sugerir que a variável *pitch* médio não indicia significados sociais ligados a gênero e sexualidade isoladamente.

Palavras-chave: percepção sociolinguística; gênero; sexualidade; *pitch* médio.

O QUE FAZ A COGNIÇÃO HUMANA ÚNICA? COMENTÁRIO CRÍTICO DE INSPIRAÇÃO WITTGENSTEINIANA

Joana Bortolini Franco

Nesta comunicação, vou fazer uma crítica ao modo como a pergunta “o que faz os seres humanos únicos?” é feita, mostrando como ela pode estar equivocadamente colocada pela teoria sobre a evolução da comunicação humana de Michael Tomasello (1999; 2008; 2019). Meu trabalho tem uma natureza epistemológica e minha inspiração para essa avaliação crítica é a filosofia tardia de Ludwig Wittgenstein (1932; 1953). Vou apresentar algumas das reflexões de Wittgenstein em torno da pergunta “o que é o significado de uma palavra?” para mostrar que o modo como as perguntas são colocadas tem consequências para como os objetos de pesquisa são abordados científica e filosoficamente. Em seguida, vou fazer um resumo da revisão bibliográfica de Tomasello, indicando que a sua resposta para a pergunta muda de acordo com novas descobertas sobre a cognição primata. Pretendo argumentar que a proposição de um limite cognitivo entre primatas humanos e primatas não humanos pode estar assentada sobre bases pouco claras e que as mudanças na teoria de Tomasello podem estar ligadas mais à inadequação da pergunta do que às descobertas sobre a cognição humana. Por fim, pretendo levantar algumas reflexões sobre a pergunta “o que faz os seres humanos únicos?” e sugerir alguns modos pelos quais a investigação sobre a evolução da cognição e da linguagem pode ser feita de modo mais preciso e vantajoso.

Palavras-chave: Tomasello; Wittgenstein; filosofia da linguagem; evolução da comunicação humana.

A ORGANIZAÇÃO DE AÇÕES SIMULTÂNEAS DA BOCA, DAS MÃOS E DOS OLHOS EM UMA CONVERSA EM LIBRAS

João Paulo da Silva

Como parte do processo semiótico que se desenvolve na interação, os surdos elaboram diferentes formas de ação bucal que mantêm relação com ações das mãos e com ações realizadas por outros articuladores. A partir da proposta de alargamento da noção de gesto desenvolvida por Streeck (2009) para incluir, além dos gestos manuais, ações realizadas por outras partes do corpo, explorarei algumas das práticas de uso da boca para criar entendimentos situados em uma conversa sinalizada entre dois surdos. Os dados foram extraídos de uma conversa de 20 minutos, que é parte do corpus do LLICC (Laboratório ‘Linguagem, Interação, Cultura e Cognição’/FFLCH-USP), transcrita no software ELAN de acordo com o modelo de transcrição proposto por McCleary, Viotti e Leite (2010). Nesta apresentação, discutirei a parceria entre as mãos, a boca e os olhos na elaboração conjunta de cenários e de ações de um evento. O objetivo da análise é explicitar como as ações bucais, em parceria com as ações manuais e com o direcionamento do olhar, podem elaborar práticas que guiam a atenção do interlocutor para diferentes partes das ações realizadas no curso da interação. No trecho analisado, observa-se que a sinalizadora realiza ações manuais e bucais que apresentam alinhamento motor (ajuste nas fases de preparação e golpe), de modo a promover uma unificação perceptual que ajuda a manter a atenção na sua face enquanto sinaliza manualmente. Tanto nos momentos em que ela realiza sinais com o olhar direcionado para o interlocutor quanto naqueles em que o olhar é direcionado para as mãos, os movimentos da boca parecem garantir que a atenção se volte para a face do sinalizador.

Palavras-chave: práticas gestuais; ações bucais; ações manuais; direção do olhar; libras.

“OU” NA FALA INFANTIL: EVIDÊNCIAS DO USO EXCLUSIVO

Jonathan Silva Torres

Uma sentença como “João comprou balas ou chocolate” é verdadeira em seu significado literal se João comprou, pelo menos, balas *ou* chocolate. Num contexto em que João comprou balas *e* chocolate, a sentença continua sendo verdadeira em seu significado literal, entretanto, pode ser julgada como falsa se for calculada uma implicatura de quantidade (GEURTS, 2010) (*i.e.*, João não comprou balas *e* chocolate, apenas um deles). Ou seja, a disjunção passa a ser interpretada de forma exclusiva. Interessantemente, a literatura em Aquisição de Linguagem tem apontado para o fato de que crianças de até cinco anos de idade, mas não os adultos, tendem a julgar como verdadeiras sentenças como a que vimos anteriormente em contextos em que ambos os disjuntos são verdadeiros. Estes estudos, em sua maioria, são de compreensão e pouco se sabe sobre a produção de sentenças em que o conectivo *ou* é usado por crianças ou sobre sua presença no *input*. A fim de investigar a produção deste fenômeno por crianças, analisamos cento e quatro sessões gravadas, de aproximadamente trinta minutos, de fala espontânea de crianças e adultos em contextos naturalísticos. Em nosso trabalho, observamos a ocorrência do uso de *ou* de forma exclusiva por crianças entre 2;00 e ~4;06 anos, além de sua presença no *input* recebido por adultos. Em contrapartida à maioria dos trabalhos investigando compreensão, nossos resultados indicam que crianças com menos de quatro anos de idade já fazem o uso de *ou* de forma exclusiva. Nossa hipótese é a de que o *design* experimental, entre outros motivos, é o que tem levado à conclusão de que o comportamento linguístico infantil diante de sentenças disjuntivas difere do comportamento linguístico adulto.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; produção; disjunção; implicatura.

MORFOSSINTAXE DA NEGAÇÃO EM JAPONÊS: UMA ABORDAGEM NÃO LEXICALISTA

Jorge Willian Pedroso

O presente trabalho trata da morfossintaxe da negação em japonês, que será observada no contexto do que é denominado pela literatura linguística do japonês como predicado morfologicamente complexo (cf. MIYAGAWA, 1980; KAGEYAMA; KISHIMOTO, 2016). Por enquanto, esta pesquisa está focada em predicados negativos não formais (e.g. *kaku* ‘escrever’; *kak-anai* ‘**não** escreve’; *taberu* ‘comer’; *tabe-nai* ‘**não** come’), deixando para desenvolvimentos futuros os predicados negativos formais (e.g. *kakimase-n* ‘**não** escreve’; *tabemase-n* ‘**não** come’). Nosso objetivo é revisitar as análises tradicionais sobre a formação desses predicados morfologicamente complexos que contenham o marcador de negação sentencial e propor uma alternativa de análise com uma abordagem não lexicalista. Seguindo os trabalhos de Shibata (2015), Kobayashi e Fujita (2016) e Kishimoto e Uehara (2016), proporemos uma análise baseada no arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (cf. HALLE; MARANTZ 1993, 1994; EMBICK; NOYER, 2001, 2007). Sendo a Morfologia Distribuída uma teoria realizacional, em nossa proposta de análise, assumiremos que o expoente fonológico *-(a)na-* é inserido pós-sintaticamente no nó terminal sintático do marcador de negação do japonês. Assumimos que esse marcador de negação é um elemento funcional que não é composto por uma raiz e um categorizador. Isto é, o núcleo da projeção NegP, uma categoria funcional que comporá o predicado verbal morfologicamente complexo negado, é realizado pelo expoente fonológico *-(a)na-*. Com essa assunção, refletimos o que se observa empiricamente, ou seja, que esses predicados verbais negados não se comportam como adjetivos. Com isso, colocamos em questão o caráter adjetival que é comumente atribuído ao marcador de negação sentencial do japonês na literatura tradicional sobre o tema, literatura essa em que o marcador seria um item lexical adjetival.

Palavras-chave: negação; predicado morfologicamente complexo; Morfologia Distribuída.

AVALIAÇÃO DO (PRÉ-)TREINAMENTO DE MODELOS DE QA NA EXTRAÇÃO DE RESPOSTAS BASEADA EM *CORPUS* A PARTIR DE PERGUNTAS QU-

José Roberto Homeli da Silva

Esta comunicação visa a apresentar o projeto de mestrado sobre o estudo de sistemas de perguntas e respostas (do inglês *question answering*, doravante QA), inicialmente em português brasileiro. Pretende-se focar na tarefa de recuperação de informações (do inglês *information retrieval*). O procedimento inicial será usar vetores densos (preferencialmente por meio do algoritmo *Word2Vec* ou, alternativamente, *GloVe*) para auxiliar na extração de informação de documentos, fundamental à tarefa de QA. Para tal, elencam-se duas formas de trabalho, sendo ambas exploradas ao longo da pesquisa: (a) Por meio do uso de um modelo pré-treinado: tendo como entradas do algoritmo (i) o modelo, (ii) a pergunta *QU-* e (iii) o documento em que conste a resposta. Com isso, faz-se o pré-processamento da pergunta a fim de estabelecer a categoria (pessoa, lugar, tempo...) a partir do pronome e da palavra nuclear da questão (exemplo: “Quem era o parceiro de Sherlock Holmes?” → “Quem” → PESSOA). Com essa informação, extraem-se do documento todos os *tokens* dessa categoria usando o *spaCy* para classificação das entidades nomeadas, viabilizando uma lista com entidades de mesmo tipo (exemplo: ['Watson', 'Bono', 'Mickey Mouse']). Enfim, o *Word2Vec* permitirá calcular a associação contextualmente mais forte em relação ao alvo para todas as entidades da lista, considerando a relação que aparece no predicado (no caso, “parceiro”), culminando na resposta esperada. O próprio modelo conta com as informações classificatórias para a tarefa; (b) Em contraste com os modelos pré-treinados, vamos treinar os modelos, nós mesmos, com os documentos usados em QA e avaliá-los, a fim de determinar se o ajuste fino do treinamento poderia aumentar a acurácia do modelo.

Palavras-chave: linguística computacional; perguntas e respostas; recuperação de informações; *word embedding*.

EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: O LUGAR DO ALUNO NA CENA ENUNCIATIVA

AULA

Josuel Pereira dos Santos

O presente trabalho busca aproximar a comunidade de professores da escola pública à comunidade acadêmica, suas investigações e contribuições para o ensino de língua portuguesa na educação básica no Brasil. As políticas públicas têm buscado alternativas para os problemas existentes no ensino de L1 (língua materna) no Brasil, evidenciados nos índices do IDEB. Ao mesmo tempo, a comunidade linguística tem avançado em investigações que muito podem contribuir para a solução do problema. Pode-se olhar para a movimentação histórica da construção do conhecimento linguístico – não apenas a história dos estudos da linguagem, mas também a história de como se ensinou língua no Brasil – e, no escopo da Semiótica Greimasiana, podemos observar a educação linguística. Dessa forma, propomos uma tipologia de quatro correntes pedagógicas que marcam as categorias de continuidade versus descontinuidade em relação à aplicação dos conceitos linguísticos tal qual eles chegam ao contexto educativo. No quadrado semiótico, os polos contrários são definidos por Pedagogia Tradicionalista versus Pedagogia Dialogicista; e, os subcontrários, por conseguinte, são, aqui, definidos por Pedagogia Descritivista versus Pedagogia Diletante. A partir do mapeamento proposto, espera-se evidenciar o que se considera “problema de ensino de Língua Portuguesa no Brasil” e valer-se dos avanços da Linguística Moderna para atacar o referido problema.

Palavras-chave: educação linguística; semiótica; pedagogia; ensino.

A MELANCOLIA FREUDIANA À LUZ DA SEMIÓTICA FRANCESA

Joyce do Nascimento Lopes

O trabalho proposto visa a apresentar um dos objetivos de nossa pesquisa de doutorado. Como pretendemos levar adiante um estudo da paixão melancolia e do suicídio a partir da análise semiótica de linha francesa – teoria cujo fundador é A. J. Greimas –, chamou-nos sempre a atenção as considerações elaboradas por Freud no seu ensaio *Luto e melancolia* (1915), em virtude da acurada definição e caracterização desse estado de alma. A pertinência das ideias do pai da psicanálise nos instigou a querer entender mais profundamente as possibilidades de convergência com as proposições greimasianas. Gostaríamos, então, de levar a cabo uma transposição do estudo psicanalítico para a teoria semiótica, isto é, de semiotizar a abordagem freudiana. Adiantamos que essa não nos parece uma iniciativa simples. Freud já afirmava o caráter enigmático da melancolia, assinalando a complexidade de entendimento sobre um quadro existencial tão marcadamente doloroso para o indivíduo, que passa a apresentar abatimento profundo, desinteresse pela vida e incapacidade de amar a si mesmo (FREUD, 2010). A melancolia seria a reação à perda de um objeto amoroso, nem sempre identificado conscientemente. Segundo Freud (2010), o objeto desejado é possuidor de um significado tão grande que, reforçado por milhares de laços, o sujeito não pode se desligar facilmente. Encontramos, então, a resistência em aceitar essa ruptura e o surgimento de sucessivos sintomas. Para nós, essa perspectiva tem algo fortemente em comum com alguns dos mais importantes fundamentos da teoria semiótica: a noção de existência semiótica, que concerne à relação sujeito e objeto, o conceito de valor e as modalidades. Faremos uso também dos avanços nos estudos da tensividade propostos por Zilberberg, a partir das concepções que tratam da afetividade, para explicar de que forma são engendrados os estados de alma, bem como suas nuances. Assim, esperamos dar conta de um dos propósitos de nossa pesquisa.

Palavras-chave: semiótica; tensividade; psicanálise; melancolia; sujeito.

O TRABALHO DO LEITOR DE FICÇÃO EM UMA ECOLOGIA DA COMPOSIÇÃO

Juliana Ángel-Osorno

Nesta pesquisa, a marginália se entende como uma série de reações por parte do leitor que emergem durante a leitura, de maneira que ele possa cumprir com o trabalho de leitura. A leitura está sendo entendida como trabalho no sentido em que, como qualquer outra atividade ordinária, precisa de atenção; o leitor tem que estar engajado no processo da leitura e tem que trabalhar de modo a completar a tarefa com sucesso (GARFINKEL 1967; LIVINGSTON, 1995). O estudo da marginália revela as interações do leitor com o autor, o narrador e as personagens, evidenciando que as interações na leitura atravessam os níveis narrativos, ao invés de se ater a apenas um deles. A pesquisa mostra que a interação do leitor com os diferentes níveis narrativos instancia uma ecologia da composição (SYVERSON, 1999). Essa ecologia é, como outros sistemas complexos, distribuída, emergente, corporeada e enativa. No trabalho de leitura, o leitor entra em um ecossistema que o antecede (criado parcialmente pelo autor e outros participantes na cadeia do livro) e o modifica; ao mesmo tempo, o trabalho de leitura obriga o leitor a se adaptar ao novo ecossistema criado pelas suas modificações. Para a análise, construí um corpus com 412 anotações em espanhol, português e inglês feitas por seis leitores em sete livros de ficção escritos nessas línguas. A observação dos dados, incluindo comentários, perguntas, exclamações, referências intertextuais, setas e emoticons, informaram a criação de algumas categorias analíticas que organizaram o material. Seguindo o modelo de Syverson (1999), descrevo como duas leitoras nos livros *Água Viva*, de Clarice Lispector e *I Know Why the Caged Bird Sings*, de Maya Angelou constroem e se adaptam à ecologia de composição no trabalho de leitura.

Palavras-chave: leitura de ficção; marginália; ecologia da composição; interação.

TRANSFERÊNCIAS DE TRAÇOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS: OS SOTAQUES ESTRANGEIROS NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Juliana Barbosa

Muitas pesquisas realizadas no Brasil buscam compreender a aquisição e a aprendizagem de línguas estrangeiras por brasileiros, nos mais diversos aspectos e percursos de aquisição. O campo dos estudos que se voltam à aquisição de Português Brasileiro (PB) por falantes de outras línguas é ainda pouco explorado no panorama da Linguística Aplicada no Brasil. Tendo em vista questões políticas e econômicas, bem como o crescente processo de internacionalização das universidades brasileiras, há uma recente demanda que tem exigido políticas linguísticas e esforços das áreas de ensino que respondam a essas necessidades (SCHOFFEN & MARTINS, 2016). Visando, prioritariamente, à elaboração de referências a serem aplicadas no ensino de fonética e fonologia de PB como segunda língua e à luz de propostas teóricas que procuram explicar a formação dos inventários fonológicos pela especificação de traços, suas propriedades e contrastes responsáveis pela distinção lexical (conf. CLEMENTS, 2005; 2009; DRESHER, 2003; 2009), em nossa pesquisa analisamos a aquisição de: (i) /R/ e suas variantes dialetais, bem como aquelas que fazem contraste lexical, /fɔ.ra/ vs. /fɔ.xa/, por exemplo; (ii) vogais nasais, sobretudo aquelas com valores distintivos, como em /siN.to/ vs. /si.to/; (iii) aspectos suprasegmentais que regem processos fonológicos (regras de vozeamento e nasalização) e a prosódia. Nosso corpus será composto por gravações de fala espontânea, coletadas em entrevistas a estrangeiros em contexto de imersão domiciliados no Brasil. A partir de análises fonéticas de gravações em L1 e L2, e da percepção dos falantes nativos de PB, mapearemos transferências fonéticas e fonológicas dos estrangeiros no que se refere a aspectos segmentais e suprasegmentais associados aos sotaques de falantes nativos de inglês, francês e espanhol que adquiriram o PB como L2.

Palavras-chave: aquisição de língua estrangeira (L2); português como L2; aquisição fonológica; hierarquia contrastiva de traços; aquisição de prosódia.

A PERCEPÇÃO E A PRODUÇÃO PROSÓDICA DE ORDENS, PEDIDOS, SÚPLICAS E AMEAÇAS EM DIÁLOGOS REAIS E ENCENADOS

Kamunjin Tanguete

Atos de fala (AUSTIN, 1960; SEARLE, 1962) são fenômenos importantes para a compreensão de processamentos linguístico-pragmáticos em situações conversacionais, pois são responsáveis pela representação de crenças, desejos, querereres, entre outros estados psicológicos (Searle, 1983). Estas representações podem ser percebidas pelos participantes da interação com o uso de recursos linguísticos como a prosódia, o que permite aos interactantes diferenciar um pedido de uma ordem, uma afirmação de uma declaração, uma ordem de um chamamento etc. O presente trabalho pretende verificar como os participantes desta pesquisa percebem, em textos falados e escritos (em diálogos criados de modo verossímil aos diálogos reais), atos do tipo súplica, pedido, ordem e ameaça (SEARLE, 2002), através de testes de percepção via Escala Likert, em que haverá avaliação da percepção do falante acerca da prosódia destes atos. Intenciona-se fazer esta verificação em dois momentos: *antes e depois* de uma intervenção didática teórico-prática que chamaremos de Treinamento Metalinguístico-cognitivo-pragmático, na intenção de verificar se há alguma alteração na produção desses atos pelos participantes nestas duas situações. Como aporte teórico, usaremos a Teoria dos Atos de Fala (SEARLE, 1981, 2002), a Análise da Conversação (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006) e os conceitos de metalinguagem e percepção metalinguística de diversos estudos (GIUSTINA, 2008; ACUÑA, 2004; CORREA SICURO, 2006). A coleta de dados antes e depois da intervenção será realizada com a gravação das produções e com a realização de Testes de Percepção (Escala Likert). Usaremos, para as análises das marcações prosódicas, a pesquisa desenvolvida por Tomasso Raso e Heliana Mello (UFMG), no C-ORAL Brasil (disponível em <http://www.c-oral-brasil.org/>). Espera-se poder verificar como falantes percebem quais elementos prosódicos estão presentes em atos diretivos tanto em diálogos reais quanto nos escritos (ORECCHIONI, 2006) e como se dá sua produção, principalmente, nos diálogos escritos, em que não há o recurso prosódico para orientar a percepção do falante.

Palavras-chave: prosódia; atos diretivos; percepção; produção; análise conversacional.

FONÉTICA E FONOLOGIA NO BRASIL (1949-2000): CONSERVAÇÃO E MUDANÇA NO CONHECIMENTO EM CIRCULAÇÃO EM TESES E DISSERTAÇÕES

Karina Gonçalves de Souza de Oliveira

Esta pesquisa propõe o estudo historiográfico dos caminhos percorridos pelas áreas de estudos da Fonética e da Fonologia no Brasil, ao longo da segunda metade do século XX. Em face da conhecida multiplicidade de modelos disponíveis para tais áreas, nosso objetivo é verificar como as diversas correntes teóricas e metodológicas chegaram ao Brasil, por quem elas foram adotadas, em que instituições, quais foram os seus caminhos (longos, breves; de ampla abrangência, restritos a determinados círculos; em versões “originais”, “adaptadas”, “mescladas”), principalmente nos cursos de pós-graduação em Fonética e Fonologia. Interessa-nos investigar como se dá a formação dessas especialidades (cf. MURRAY, 1994) e suas eventuais fases de desenvolvimento, atentando-nos tanto a fatores que digam respeito ao seu processo de institucionalização (agentes, grupos, instituições, configurações retóricas, contextos de pesquisa e ensino, distribuição geográfica e temporal dos estudos), quanto a fatores que delineiam perfis específicos de conhecimento (afiliações teóricas, tipos de orientação – sincrônica, diacrônica; “teórica” ou “para os dados” –, temas e línguas tratados, interfaces estabelecidas). Embora, tradicionalmente, o tipo de material que escolhemos - dissertações de mestrado e teses de doutorado - tenha circulação mais restrita que a de livros ou artigos, por exemplo, esse tipo de texto parece permitir avaliar faces distintas do conhecimento, tais como aquelas envolvidas no processo de condução de uma pesquisa de médio ou longo termo; no entrelaçamento entre pesquisa e educação (na simultaneidade dos movimentos de elaboração de um “produto” acadêmico-científico e de formação de um especialista em uma área); no usual processo de rever o estabelecido e propor algum nível de novidade desse gênero textual acadêmico; no esperado detalhamento da metodologia de trabalho e dos pressupostos da pesquisa. Pretendemos, considerados os contextos de produção de conhecimento, chegar a uma compreensão global dos percursos históricos dos estudos do plano da expressão no Brasil.

Palavras-chave: historiografia linguística; fonética; fonologia; teses; dissertações.

DIALÉTICA AMADIANA: SEMIÓTICA E DIREITOS HUMANOS

Leandro Lima Ribeiro

Este estudo visa discutir o lugar da ideologia e das conotações sociais no romance social de Jorge Amado à luz da semiótica. Para isso, investigamos as situações de violações de Direitos Humanos e desigualdades sociais na obra *Capitães da Areia* (1937). Mais especificamente, tomaremos como objeto de análise textos em que se evidenciem conflitos e condições de crise que se dão entre os personagens marginalizados e a sociedade burguesa brasileira da década de 1930. Do ponto de vista teórico-metodológico, recorreremos às categorias da semiótica francesa ou greimasiana, sobretudo na análise modular de investigação proposta por Bertrand (2003). Busca-se, com esse trabalho, uma abordagem que seja capaz de examinar a obra de arte em sua perspectiva de conflitos, dilemas e paradoxos, aspectos esses orientados em determinações econômico-sociais. Do ponto de vista do nível narrativo, resultados preliminares demonstram uma construção dos sujeitos marginalizados como signos de abjeção, o que nos evidencia uma sanção. Isso ocorre devido ao fato de os meninos de rua não evidenciarem uma plasticidade corporal canônica, conforme as predisposições da sociedade de consumo, e por negarem, enquanto signos de inanição, a concepção de liberdade das instituições sociais. Para além disso, evidenciam-se estratégias de falsificação da realidade em busca da governabilidade negacionista. A investigação ora proposta está organizada em três aspectos fundamentais: a) aspectos semióticos e conotações sociais; b) tipologia discursiva do romance social da Geração de 30; e c) aspectos ideológicos e a dinâmica política.

Palavras-chave: Jorge Amado; semiótica; romance social.

ENSINO DE GRAMÁTICA: DIFICULDADES DOS ESTUDANTES BRASILEIROS AO EMPREGAR OS VERBOS DO TIPO *GUSTAR*

Leiliane de Vasconcelos Silva

Essa pesquisa se justifica pela dificuldade de alunos brasileiros, futuros professores de língua espanhola, ao adquirir os verbos de sentimentos, mais especificamente os do tipo *gustar*. A possível origem desse problema se deve à falta de compreensão por parte dos alunos brasileiros da relação entre a estrutura argumental e a estrutura sintática nestes tipos de verbos, e outros que pretendemos identificar no final deste trabalho. Assim, mediante essas adversidades, o objetivo principal desta pesquisa é investigar como se configura e se explica, para o estudante brasileiro de língua espanhola, a relação entre a sintaxe e a semântica dos verbos do tipo *gustar*. Em relação aos objetivos específicos *pretendemos*: (i) analisar como as atividades presentes nos livros didáticos orientam para o emprego dos verbos do tipo ‘gustar’ da língua espanhola; (ii) comparar o funcionamento sintático-semântico do verbo *gustar* da língua espanhola com seu correspondente do português, tendo como base a teoria de Papéis Temáticos dos Verbos Psicológicos; (iii) averiguar se as atividades propostas no material didático seriam um motivo adicional das dificuldades do emprego destes verbos; e, (iv) identificar os pontos fracos das propostas presentes nos livros didáticos direcionados aos aprendizes universitários de Letras espanhol. A metodologia desta investigação é de cunho qualitativa, do tipo descritiva e exploratória. Até o momento, o desenvolvimento da parte teórica se apoiou no estudo dos papéis temáticos (PARSONS, 1990; CANÇADO, 2019), no estudo dos verbos psicológicos do português (CANÇADO, 1995; 1996; 2012) e do espanhol (PARODI; LUJÁN, 2000; VROON, 2006) assim como em trabalhos sobre o ensino de gramática (FRANCHI, 2006) e dos verbos do tipo *gustar* (SILVA, 2011; HERVÁS; VARELA, 2020). Esta investigação deve resultar na formulação de atividades didáticas capazes de ampliar as competências gramaticais do aluno universitário no emprego dos verbos do tipo *gustar* da língua espanhola.

Palavras-chave: ensino de gramática; verbos do tipo *gustar*; material didático; papéis temáticos; verbos psicológicos.

DISCURSO CONSPIRATÓRIO *ONLINE*: SANÇÃO E VERIDICÇÃO NOS FÓRUNS DE JOGOS

Leonardo Reitano

Esta pesquisa analisa as relações de usuários de fóruns digitais com a sanção narrativa e veridicção discursiva. Para atingir tal objetivo, propõe-se inicialmente a análise, dentro dos moldes da semiótica greimasiana, dos dois objetos que compõem o ambiente de fórum analisado: os jogos multijogador *LOL* e *Overwatch*, e um conjunto de fóruns utilizados pelos fãs de ambos os jogos. Além da análise individualizada, a partir dos *game studies*, dos elementos do *corpus*, esta pesquisa enfoca também as relações intertextuais (e hipertextuais) entre esses espaços, a partir das propostas de Barros (1988), Aarseth (1997), Marcuschi (2009) e Discini (2015), pois o sentido dos discursos construídos no espaço de fórum só pode ser compreendido quando se observa os contextos criados entre fórum e jogo. Após análise do sistema intertextual fórum-jogo, discute-se as suas características principais: as regras veridictórias que regem o universo fantasioso (CANDIDO [2014], ROSENFELD [2014], TODOROV [2017] e ECO [2017]), a repetição memética como forma de familiarização (MARINO [2018], SPAZIANTE [2007] e TANNEN [2007]), a preeminência do humor ambíguo (BAKHTIN [1987] e BERGSON [2018]) e a densidade da linguagem técnica dentro dos fóruns (GALLI [2009] e BEIVIDAS [2015]). A partir dos resultados das análises, a pesquisa observa como a utilização *ad nauseam* destes elementos se configura como estratégia discursiva. Em posse dessas estratégias, propõe-se um projeto enunciativo, chamado de “*discurso conspiratório online*”: discurso esse que busca um enfraquecimento da sanção, ao mesmo tempo que promove a utilização da mentira e do segredo como regimes veridictórios principais, impedindo que se “julguem” ou “corrijam” os discursos propostos. Argumenta-se, por fim, que tal projeto possui laços com as *fake news*, e os discursos conspiratórios e intolerantes da extrema-direita em ascendência na última década.

Palavras-chave: fantasia (gênero); jogos eletrônicos; fóruns digitais; veridicção; hipertexto.

SEMIÓTICA DO BIG DATA: QUESTÕES SOBRE TEXTUALIZAÇÃO E *DATAFICATION*

Leticia Moraes Lima

Os dados são considerados centrais na dinâmica atual da nossa sociedade: eles geram capital econômico, cultural e social. Entre as maiores empresas globais atuantes nos dias de hoje, aquelas que nasceram e expandiram-se pelo ambiente digital estão entre as principais no mercado financeiro. Diante disso, questionamo-nos: o que há de tão valioso em nossos dados pessoais para justificar o valor econômico agregado a eles? A resposta principal parece residir justamente em sua natureza de objeto semiótico, que só é possível por meio de um percurso de textualização desencadeado. Em nossa apresentação, discorreremos, em primeiro lugar, sobre a natureza do *big data*, utilizando, para isso, os conceitos de textualização, proveniente da semiótica, e de *datafication*, emprestado da Ciência da Computação (MAYER-SCHONBERGER; CUKIER, 2013). Em seguida, lançaremos mão da organização dos níveis de pertinência, de Fontanille (2008), especialmente das práticas semióticas e das formas de vida. Assim, será possível discutir como as ações e os comportamentos humanos são transformados em bits discretos, em outras palavras, em traços digitais. Espera-se, com isso, conceitualizar o *big data* como um objeto semiótico, entendendo-o como uma grandeza que comporta outras grandezas, que possuem diferentes planos da expressão. Acreditamos que analisar as grandes coleções de dados é encontrar, por um lado, as conexões entre as pessoas e o mundo e, por outro, entre as práticas individuais e os modos de existência coletivos, possibilitando um olhar aos modelos macro socioculturais em que as ações e os comportamentos humanos acontecem, repetem e se cristalizam em formas de vida. Salientamos, por fim, que este trabalho faz parte da tese de doutorado intitulada “A noção de texto na semiótica”.

Palavras-chave: big data; semiótica; textualização; *datafication*; formas de vida.

A SEMÂNTICA NO ENSINO DOS ADJETIVOS NO SINTAGMA NOMINAL DA LÍNGUA INGLESA PARA ESTUDANTES BRASILEIROS

Lisiane Ribeiro Caminha Vilanova

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as dificuldades sentidas por estudantes brasileiros em relação à composicionalidade do sintagma nominal contendo adjetivos em inglês e busca averiguar estratégias para o ensino desses elementos linguísticos. Na língua inglesa, o adjetivo antecede o substantivo no sintagma nominal. Quando o sintagma possui dois ou mais adjetivos, alguns estudantes brasileiros sentem dificuldade para construí-lo. Ao investigar as possíveis causas dessa dificuldade, levantamos as hipóteses: os estudantes costumam comparar a língua inglesa com a língua portuguesa? Não percebem as relações semânticas entre os elementos do sintagma? Esta pesquisa se justifica uma vez que irá auxiliar no ensino e na aprendizagem do adjetivo, classe na qual os estudantes apresentam dificuldades quanto ao uso, e irá contribuir com a prática do professor no que diz respeito à elaboração de estratégias de ensino que possibilitem melhor compreensão do funcionamento da língua inglesa e maior rendimento no desempenho linguístico. Esta pesquisa fundamenta-se nos estudos desenvolvidos no campo da semântica formal, em especial, na abordagem delineada por Parsons (1990) sobre a relevância do parâmetro contextual na análise dos modificadores; por Gomes e Mendes (2008) sobre as relações semânticas na modificação, e por Oliveira (2014) sobre a composicionalidade linguística. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa descritiva, documental de cunho qualitativo. O *corpus* constitui-se do levantamento de sentenças construídas por estudantes de inglês como língua estrangeira, no ensino superior. Assim, procedemos em cada etapa, analisando a formação do sintagma nominal contendo adjetivos e as implicações no significado do sintagma à luz da semântica formal, possibilitando que o ensino e a aprendizagem do adjetivo em inglês sejam mais significativos.

Palavras-chave: adjetivos; sintagma; semântica; sentenças; inglês.

O ESTUDO DOS PAPÉIS TEMÁTICOS: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO

Luciana Aparecida Paraguassú Amaral

Neste trabalho, propõe-se o estudo crítico dos Papéis Temáticos, como propostos por Cançado e Amaral (2016), a fim de apontar as suas possíveis contribuições para o ensino de Língua Portuguesa, na Educação Básica. Assume-se que os livros didáticos da rede pública de ensino alinhados à BNCC precisam abordar os conteúdos gramaticais também em seus aspectos semânticos, e não apenas em seus aspectos sintáticos e morfológicos, para dar conta de explicar as estruturas sentenciais do português brasileiro em toda a sua complexidade. A título de exemplificação, pensa-se no comportamento sintático de verbos como *quebrar* e *acertar*. Ambos se classificam como verbos que denotam um agente atuando sobre um paciente: *Maria quebrou a janela vs. Maria acertou a janela*; entretanto, este último não permite alternância causativa-incoativa, enquanto o primeiro sim: *A janela (se) quebrou vs. *A janela (se) acertou*. Esclarece-se isso semanticamente, pois um papel temático é composto por propriedades, e a composição do predicado atribui à *Maria* a propriedade de *desencadeador* e à *janela* a propriedade *afetado*. O *desencadeador* não deve ter *controle* – outra propriedade – sobre o evento para que a alternância ocorra. Noção que permitiria ao aluno ter mais consciência de sua competência linguística, afinal, ele só sabe do funcionamento desses verbos por ter o português como língua materna. Nesse contexto, objetiva-se criar um material adicional que contemple o aspecto semântico da sentença, a partir do estudo crítico dos papéis temáticos e da análise das explicações e atividades já presentes nos livros didáticos. Para isso, analisou-se inicialmente as partes dos livros didáticos *Tecendo Linguagens* (AMARAL & ARAÚJO, 2018) referentes ao assunto, comparando-as à tradição gramatical – *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA & CINTRA, 2016) –, e depreendendo-se limitações às explicações de certos fenômenos sintáticos, como a alternância causativa-incoativa e a passivização.

Palavras-chave: semântica lexical; papéis temáticos; língua portuguesa; ensino.

METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS DE LÍNGUAS INDÍGENAS PARA ANÁLISE SEMÂNTICA

Luiz Fernando Ferreira

O trabalho em semântica requer uma metodologia de coleta diferenciada dos outros campos da linguística como sintaxe e fonologia. São duas as diferenças relevantes: (i) em semântica, sempre se trabalha com sentenças completas e; (ii) essas sentenças devem estar sempre contextualizadas (ver MATTHEWSON, 2004). Esse tipo de coleta é conhecida como elicitación de dados contextualizada (ver BOCHNAK & MATTHEWSON, 2015). Essa metodologia requer três passos: (i) a busca dos dados em textos escritos na/sobre a língua; (ii) a elicitación de sentenças contextualizadas; e (iii) o uso de tarefas de julgamento de valor de verdade de uma sentença em certos contextos (ver SANCHEZ-MENDES, 2014). Para a segunda e terceira etapas, é necessário usar contextos a fim de garantir que as sentenças possuem o sentido que se deseja analisar e verificar quais as condições mínimas necessárias para os falantes usarem essas sentenças. No entanto, há mais de uma maneira de fazer essa contextualização (e.g. contextualização por textos, imagens, por arcos de histórias, por *storyboards*, por vídeos etc.). Nosso objetivo é ilustrar como esses diferentes métodos de contextualização foram empregados em nossa pesquisa cujo tema é contrafactualidade na língua indígena Karitiana (tronco Tupi, família Arikém). As pesquisas em semântica geralmente elegem um método de contextualização para elicitatar um fenômeno. Na nossa pesquisa, empregamos uma multiplicidade de métodos, a saber: contextualização com textos (ver MATTHEWSON, 2004); arcos de história (ver LOUIE, 2015) e *storyboards* (ver VANDER KLOK, 2019). A proposta que defendemos é que o uso de diferentes métodos para elicitatar o mesmo fenômeno em uma pesquisa resulta em dados mais confiáveis e, conseqüentemente, em uma análise mais consistente do que em pesquisas que empregam apenas um método (ver FERREIRA & MÜLLER, no prelo).

Palavras-chave: metodologia; semântica; línguas indígenas.

A DIMENSÃO MODAL DA HABITUALIDADE NO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO PORTUGUÊS

Marcio Azevedo Vianna Filho

A habitualidade foi caracterizada na linguística, ora como um subtipo do aspecto imperfectivo (p.ex. COMRIE, 1976; LENCI & BERTINETTO, 2000), ora como uma noção primordialmente modal (p.ex. SCHUBERT & PELLETIER, 1987). A caracterização modal da habitualidade reconhece o caráter aproximado de “lei” ou “regra” presente em sentenças habituais: *João joga futebol aos sábados*. O componente modal das sentenças habituais se torna especialmente evidente naqueles casos em que é dispensável a efetiva ocorrência do evento que se repetiria para constituir o hábito: *A Maria processa a correspondência da Antártida*, que significa que a Maria processa as mensagens vindas da Antártida quando elas chegam, embora isto provavelmente nunca tenha ocorrido, nem vá ocorrer. Há, contudo, sentenças habituais que, em contextos semelhantes, tornam-se inadequadas: # *Ela ia para a escola de trem, embora não tenha chegado a ir nenhuma vez*. Neste último exemplo, em contraste com o exemplo anterior, é necessário que ocorram efetivamente os eventos repetidos que subjazem ao hábito. Neste caso, poder-se-ia pensar que a habitualidade significada pela construção *pretérito imperfeito do indicativo* pudesse, em contraste com o *presente do indicativo*, ser convenientemente caracterizada como exclusivamente aspectual, isto é, como a simples expressão da “constituição temporal interna de uma eventualidade” (COMRIE, 1976). Este trabalho procurará mostrar que a habitualidade expressa pela construção portuguesa *pretérito perfeito composto* se comporta – quanto à necessidade de efetivação das ocorrências que constituem o hábito – de forma semelhante ao *pretérito imperfeito do indicativo* e à construção inglesa com *used to*, e que, a despeito da exigência de ocorrência efetiva das eventualidades habituais, ainda assim, a dimensão modal é indispensável à caracterização do seu significado.

Palavras-chave: semântica teórica; aspecto; modalidade; português; habitualidade.

LINGUAGEM CORPORAL E A CENA CONTEMPORÂNEA

Maria Vitória Laurindo Siviero

A apresentação tem por objetivo discutir a linguagem corporal nas artes performáticas, segundo abordagem da semiótica greimasiana. Considerando que grande parte da comunicação humana não é de origem verbal, mas expressa por meio de gestos, nuances vocais e expressões do rosto etc., na análise de manifestações artísticas que envolvam performance, deve-se ter em conta a forma como o corpo do *performer* produz significado. É preciso observar, primeiramente, que o corpo em cena se manifesta com imensa variedade de estilos, técnicas e treinamentos, que se estendem englobando desde a performance de danças clássicas à atuação do cinema naturalista, etc.. Sabe-se também, que os princípios que regem performances, como, por exemplo, a *commédia dell'arte* italiana, não podem ser analisados segundo os mesmos critérios da atuação das séries de TV americanas. Há, portanto, uma grande diferença entre o corpo na dança, no teatro, no cinema ou na fotografia, mas especialmente nas artes contemporâneas, em que os limiões destas categorias se dissolvem uns nos outros, não é possível associar a linguagem artística a um gênero ou linguagem corporal específica. A fim de dar início a uma reflexão sobre linguagem corporal performática, será proposta uma categorização das diferentes manifestações do corpo em cena por meio do sistema desenvolvido por Jean-Marie Floch em *Sémiotique, marketing & communication*, a fim de precisar mecanismos discursivos que caracterizam diferentes formas de expressão do corpo cênico. O objetivo, portanto, não é a análise de um grupo específico de manifestações artísticas, mas verificar se, por meio da semiótica, é possível elaborar uma descrição do fenômeno do corpo em cena, independente de sua categorização prévia como "dança", "teatro", "performance", etc.. Esta descrição tem por finalidade esboçar um caminho para a análise de obras performáticas que misturam mais de uma linguagem corporal como é o caso de grande parte da cena contemporânea experimental.

Palavras-chave: semiótica; corpo; performance; artes cênicas; atuação.

OS EFEITOS DO CONTATO LINGUÍSTICO ENTRE O NHEENGATÚ E O PORTUGUÊS BRASILEIRO EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (AM)

Mariana Payno Gomes

Nesta pesquisa de Mestrado, investigam-se os efeitos do contato linguístico entre o nheengatú, língua da família Tupi-Guarani, e o português brasileiro falado na cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM). Com base na teoria de evolução linguística desenvolvida por Mufwene (2001, 2008), a intenção é identificar possíveis mudanças nas estruturas morfossintáticas do português falado por habitantes da região, bilíngues em português e nheengatú. Mufwene empresta da biologia a explicação do processo de reestruturação das línguas em situação de contato: sua hipótese é a de que, assim como acontece com os genes na evolução biológica, os traços das línguas ou dialetos em interação entram em uma dinâmica de competição e seleção para se acomodar da melhor forma às necessidades comunicativas dos indivíduos. A partir desse recorte teórico, de dados coletados em trabalho de campo e da gramática do nheengatú elaborada por Cruz (2011), buscamos convergências e divergências entre as propriedades gramaticais do português e do nheengatú a fim de levantar hipóteses sobre as mudanças operadas pelo contato. Versão moderna da língua geral amazônica (LGA), o nheengatú foi a língua franca e majoritária da província do Amazonas até o final do século XIX, sendo amplamente utilizado por todos os membros do sistema colonial. Hoje, é restrito a algumas comunidades amazônicas – como as da região de São Gabriel da Cachoeira, no Alto do Rio Negro – e falado principalmente pelos povos Baré, Baniwa e Warekena, em substituição ou junto às suas línguas tradicionais. A atual situação de contato entre o nheengatú e o português e a ecologia multilíngue da região de São Gabriel da Cachoeira não se dissociam da história de formação, expansão e retração da LGA durante a colonização do Brasil – motivo pelo qual também propomos, além da análise linguística dos dados sincrônicos, lançar um olhar para essa história.

Palavras-chave: contato linguístico; português brasileiro; nheengatú; línguas indígenas; multilinguismo.

A IDENTIDADE DO ÁLBUM E A ALTERIDADE ENTRE AS FAIXAS

Matheus Henrique Mafra

Esta apresentação expõe algumas conclusões parciais da pesquisa, que visa compreender as peculiaridades textuais do objeto semiótico *álbum de canções*. Inicialmente, expõe-se uma reflexão sobre o trato metodológico do objeto. Se o processo de análise visa descrever este último como sistema de dependências internas, o analista é levado a pensar sobre as possibilidades de relação do tipo todo/parte que particularizam o álbum e, desse modo, as relações entre álbum e faixas – respectivamente classe e componentes mínimos encontrados em qualquer álbum – mostram-se como os objetos internos por excelência desse tipo de texto. Assim, o álbum, enquanto texto, passa a ser entendido como a instância de administração de tensão entre a *identidade do álbum* e a relação de *alteridade entre as faixas*: ao mesmo tempo que esta última costuma ser garantida pela grande autonomia discursiva de que gozam as faixas, aquela sempre se manifesta de modos mais e menos explícitos, sendo minimamente assegurada pelo gesto que instaura a “série”, que pode ser apreendido pelos atos de *seleção* e *sequenciamento* de faixas. Tendo em vista esses dois atos enunciativos, exemplos são apresentados para demonstrar a tensão entre identidade e alteridade típica do álbum. Tais exemplos primam por manifestar, simultaneamente, numa só faixa, traços de perfectividade (garantindo que as canções “bastem-se” por si mesmas) e de imperfectividade (indicando que essas mesmas canções inauguram ou encerram um processo que diz respeito ao álbum).

Palavras-chave: álbum; semiótica; sequenciamento; identidade; alteridade.

A DENÚNCIA CRIMINAL COMO UM GÊNERO: A OPERAÇÃO LAVA JATO

Mônica Barrêto Nóbrega de Lucena

Tendo em vista a importância da Operação Lava Jato no cenário político-jurídico brasileiro, bem como as acusações de uso de *lawfare*, a comunicação debruça-se sobre a primeira denúncia criminal feita pela operação contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Tem-se como objetivo analisar a produção de sentido da peça, destacando-se os indícios de uma mudança da cena prática jurídica do processo criminal, que sai dos tribunais para uma disputa midiática. Para compreender esses movimentos, pensa-se na produção e circulação de sentido de uma denúncia criminal, nas quais a noção de gênero se apresenta como categoria teórica capaz de fornecer elementos operatórios. Assim, por meio da noção de gênero de Fontanille (1999), trabalhada por Schwartzmann e Portela (2012), ambas com base na semiótica greimasiana, busca-se investigar, a partir de um texto-ocorrência, a denúncia criminal. Parte-se de uma denúncia efetuada pela Operação Lava Jato para analisar as características de produção desse documento para, numa perspectiva panorâmica, compreender como elas se encaixam no gênero denúncia e como se pode pensar, a partir dessa noção, a prática jurídica da operação. A partir dos dados encontrados, descreve-se uma mudança na cena prática jurídica do processo criminal, que se desloca dos tribunais para os jornais.

Palavras-chave: semiótica; denúncia criminal; prática jurídica.

COLETA DE DADOS ONLINE E A CONSTRUÇÃO DE UMA AMOSTRA DE FALA PARA O ESTUDO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICAS

Monique Amaral de Freitas

Esta apresentação diz respeito ao segundo momento de uma pesquisa de doutorado sobre variação sociolinguística no Extremo da Zona Sul da capital São Paulo, região reivindicada por seus moradores como um local à parte das zonas mais centrais da cidade (bem como mais socioeconomicamente favorecidas). Inicialmente, buscou-se verificar se, de maneira alinhada a tal discurso, a região se constitui como uma comunidade de fala distinta da paulistana. Para tanto, construiu-se uma amostra da fala de seus moradores, estratificada por sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. As variáveis linguísticas estudadas foram /e/ nasal, coda /-r/, CN de número e CV de primeira e terceira pessoas do plural – tal qual em Oushiro (2015), que concluiu que os falantes de São Paulo integram uma única comunidade de fala. No segundo momento da pesquisa, aqui em foco, analisa-se como essas variáveis linguísticas localmente se associam a significados sociais (ECKERT, 2002), em um conjunto de práticas comunitárias (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010 [1992]; WENGER, 1998). A comunidade selecionada foi o Sarau do Binho, um dos mais antigos e relevantes grupos culturais da região. Realizou-se observação participante em diversas atividades do Sarau, de modo a inferir categorias localmente relevantes. A construção da amostra dos dados de fala, inicialmente prevista para ocorrer de modo presencial, está sendo construída a partir de vídeos de atividades do grupo que foram disponibilizados *online*. Nesse sentido, esta apresentação objetiva discutir os critérios de seleção e classificação dos materiais para esse tipo de pesquisa em um contexto em que as medidas sanitárias adotadas no combate à pandemia alteraram significativamente o funcionamento do grupo estudado.

Palavras-chave: sociolinguística; comunidade de práticas; falar paulistano; sarau; observação participante.

CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E LÍNGUA NAS GRAMÁTICAS SOBRE A LÍNGUA JAPONESA ELABORADAS POR ESTRANGEIROS ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX

Olivia Yumi Nakaema

O objetivo deste trabalho é analisar o tratamento da polidez na língua japonesa em gramáticas escritas por estrangeiros entre os séculos XVI e XIX. Neste trabalho, mais especificamente, temos como foco a concepção de linguagem, língua e polidez em onze gramáticas em que há uma abordagem deste tema. Neste trabalho limitamo-nos à área de tipo conceitual, investigando a história dos modelos do tratamento da polidez na língua japonesa a partir do exame da concepção de linguagem, língua e polidez diacronicamente. Em relação às formas de descrição, entendemos que há uma série de dimensões envolvidas, que podem ser capturadas por meio do conceito de ‘camada’ do conhecimento linguístico. Por isso, optamos por analisar nosso objeto por meio de um modelo metodológico descritivo-explicativo em quatro camadas, proposto por Swiggers (2004 [2003], 2019), dando ênfase neste trabalho à ‘camada’ teórica assim definida: “corresponde à visão global da linguagem, à concepção das tarefas e do *status* da linguística”. Com nossa análise, pudemos notar que, no Período das Grandes Navegações na Europa e de Guerras no Japão (séculos XVI e XVII), havia uma concepção de língua voltada para a difusão da fé cristã e a adoção do método da “acomodação” (BERNABÉ, 2018) por parte dos jesuítas. Sendo assim, a polidez era vista como uma forma de falar “elegante” que deveria ser aprendida pelos missionários que se dedicassem ao trabalho de conversão religiosa. Essa mesma visão influenciou as gramáticas do período seguinte, do século XVII ao XVIII, uma vez que muitas eram baseadas nas *Artes* do jesuíta português João Rodrigues (1561-1634). No século XIX, com a reabertura dos portos e a Restauração Meiji, a concepção de linguagem predominante na época relacionava a língua à “raça”, aceitando-se então a polidez como uma marca da particularidade do povo japonês que o diferenciaria dos demais.

Palavras-chave: historiografia linguística; língua japonesa; polidez; gramática.

A VOZ DO PAPA FRANCISCO: UM *ETHOS* E UM CAMPO DE PRESENÇA

Rafael Alberto Alves dos Santos

“Como o sensível é mobilizado na construção do *ethos* discursivo do Papa Francisco?” é a pergunta central do presente trabalho. Para respondê-la, serão articuladas ferramentas analíticas de duas vertentes da Semiótica Discursiva (GREIMAS; COURTÉS, 2016; GREIMAS, 2014): de um lado, as tensões aspectuais da proposta tensiva (ZILBERBERG, 2011); de outro, os riscos das interações da sociosemiótica (LANDOWSKI, 2014). Como ator social contemporâneo, Francisco recorta o mundo a partir de uma posição ética delimitada pelo campo religioso. Seu percurso narrativo tem uma direção clara – a do papel temático “Papa”, que ele exerce. Tal papel tem coerções que orientam o modo de ele estar no mundo e de dar-se a ver. Em tal contexto programado, de que modo Francisco faz emergir arrebatamentos sensíveis nas suas manifestações discursivas? Esses arrebatamentos sensíveis são, de fato, regidos por princípios de aleatoriedade e sensibilidade (intensidade) ou apenas criam esses efeitos, sendo, porém, regidos pelos princípios da regularidade e da intencionalidade (extensidade)? O *corpus* é formado por um conjunto de homilias, exortações apostólicas, encíclicas, entre outros documentos e discursos oficiais, além de manifestações não oficiais como entrevistas e falas espontâneas durante eventos. A pesquisa vem confirmando a principal hipótese levantada – a de que o uso das cifras tensivas contribui para compreender melhor a dinâmica da elipse das interações, possibilitando explicar a gradação entre os regimes sociosemióticos.

Palavras-chave: Papa Francisco; sociosemiótica; semiótica tensiva; *ethos*; estesia.

O IDOSO E O JOVEM EM ANÚNCIO PUBLICITÁRIO NO FACEBOOK: UM OLHAR SOB A SEMIOTIZAÇÃO ENTRE O SENSÍVEL E O INTELIGÍVEL

Raimundo Isídio de Sousa

O jovem e o idoso, embora, no senso comum, pertençam a sistemas simbólicos que os concebem com corporalidades diferentes, semioticamente eles podem pertencer a universos de valores não díspares e podem ser considerados como objetos construídos num *continuum* de discursividades. É sob esse olhar que pretendemos analisar um anúncio publicitário que circula numa página do Facebook, tentando compreender a relação entre a implicação e a concessão no modo como o enunciador discursiviza o idoso e o jovem no conjunto de textualidades. Esta análise insere-se em uma perspectiva maior de investigação que faz parte de minha pesquisa de doutorado, cujo norteamto principal é a construção da imagem sobre o idoso no Facebook. O trabalho tem como fundamentação teórico-metodológica a semiótica discursiva e seus desdobramentos tensivos, explorando mais especificamente o plano de conteúdo, o plano de expressão e os operadores da triagem e mistura, em diálogo com os autores Greimas e Courtés (2016), Barros (2001; 2005a; 2005b), Fiorin (2008), Discini (2018), Fontanille e Zilberberg (2001) e Zilberberg (2011). As análises apontam para um enunciador com diferentes tons de voz: um que enuncia provocando o riso, estabelecendo um contrato lúdico entre destinatador e destinatário e o outro que enuncia com um tom sério de voz, pautando-se num contrato de fidúcia emergido pela manipulação por tentação. Na cifra tensiva, o enunciador instala-se fundamentado principalmente no princípio da participação, da mistura e da extensidade, desestabilizando fronteiras entre o igual e o desigual, entre o ser idoso e o ser jovem, entre a implicação e a concessão.

Palavras-chave: semiótica discursiva; idoso; jovem; Facebook; anúncio publicitário.

EVOCÇÕES SENSÍVEIS EM *TRISTES TRÓPICOS*: O PAPEL PRIVILEGIADO DOS SONS NA SEMIOSE DE UM ESCRITO ETNOGRÁFICO

Renato Albuquerque de Oliveira

Esta comunicação parte de uma pesquisa que analisa os efeitos de sentido associados às evocações sensíveis em *Tristes trópicos* (LÉVI-STRAUSS, 2016 [1955]), dando atenção especial a seu caráter de escrito etnográfico. Considerando esse panorama, a apresentação refletirá sobre dois eixos contidos nesse estudo. O primeiro diz respeito à posição que *Tristes trópicos* ocupa em relação à configuração canônica dos escritos etnográficos. É desviante em alguns aspectos, como em relação a um excesso em subjetividades explicitadas – a todo momento impressões pessoais são colocadas, fugindo de uma direção objetivante esperada – e em uma certa “falta de foco” nos assuntos abordados – geralmente os escritos etnográficos possuem certa coesão no direcionamento dos assuntos que versam, seja ao falar de uma população em específico, seja ao falar de algum comportamento humano recorrente em diferentes populações. Se aproxima desse cânone, por exemplo, ao trazer descrições sobre aspectos da vida social de algum povo, associando esse aspecto a explicação sobre o *socius*. O segundo eixo tratará sobre a ambivalência possível dos sons na semiose da língua escrita: há um papel privilegiado dos sons nessa modalidade da língua, já que é o único sentido físico que pode ser evocado tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo. Assim, ao se pensar no sensível a partir das figurativizações sonoras em *Tristes trópicos*, um direcionamento se mostra para que variados graus de iconicidade se observe, já que pode haver uma tendência maior a esse efeito de sentido se a escrita carregar o texto, por exemplo, com evocação que se manifesta no plano da expressão. Esse trabalho pretende, então, refletir sobre alguns modos de sensibilização que um escrito etnográfico pode desempenhar em uma de suas tarefas basilares: traduzir a experiência vivida em campo e seus desdobramentos para um texto em termos que possibilitem a compreensão do Outro.

Palavras-chave: semiótica discursiva; teoria tensiva; antropologia; escrita etnográfica.

UM MODELO DISTRIBUCIONAL PARA PERGUNTAS FACTÓIDES PARA TAREFAS DE PERGUNTA-E-RESPOSTA

Rodrigo Aparecido da Silva Souza

Pergunta-e-Resposta, do inglês *Question Answering* (QA), é uma das tarefas do Processamento de Língua Natural (NLP). Consiste, basicamente, na tarefa em que algoritmos precisam oferecer respostas corretas para perguntas formuladas em língua natural (SOARES; PARREIRAS, 2020). Normalmente, a QA é apresentada por meio de conjuntos de dados compostos por perguntas, respostas e textos base para as respostas das perguntas. O exemplo a seguir ilustra um típico problema de QA: Pergunta - Qual é a moeda oficial dos Estados Unidos? Resposta - O Dólar. Esse tipo de pergunta é denominado, em QA, como factóide, pois uma única palavra, ou sintagma nominal, é suficiente para a resposta. Neste projeto, nosso objetivo é implementar um modelo para QA baseado em Recuperação de Informação e avaliá-lo em perguntas factóides do SQuAD1.1., conjunto de dados de Compreensão de Leitura para o inglês. Nossa metodologia será composta por um modelo baseado em *Word Embeddings*, mais especificamente, aquele apresentado por Panigrahi et al. (2019), denominado Word2Sense. Esse modelo permite representar vetorialmente as diferentes acepções de uma palavra em determinados contextos de ocorrência. Com isso, poderemos computar o grau de similaridade entre expressões-chave das perguntas e possíveis trechos com as respostas corretas por meio de métricas como o cálculo da similaridade de cosseno. Esperamos, dessa forma, alcançar resultados compatíveis com o que se tem atualmente em QA para o mesmo conjunto de dados e contribuir para a continuidade do debate científico na tarefa.

Palavras-chave: processamento de língua natural; pergunta-e-resposta; representações *word embeddings*; modelos distribucionais; semântica.

QUESTÕES DE TRANSITIVIDADE EM CONSTRUÇÕES DE INVERSÃO EM LÍNGUAS BANTU

Rodrigo Lazaresko Madrid

As línguas do grupo bantu têm entre si uma notável uniformidade do ponto de vista morfossintático (possuem classes nominais, sistema de concordância e um rico sistema de sufixos verbais, por exemplo). Uma característica comum às línguas do grupo – ainda que com certa micro-variação – são as construções de inversão de sujeito. A literatura considera que essas construções são aquelas em que: i) o sujeito lógico (último argumento a combinar com um predicado) sucede o verbo e não pode ser omitido; ii) o sujeito pós-verbal não é tópico; iii) a marcação de objeto com infixos não é possível; e iv) a ‘união’ entre o verbo e o nominal que pós-verbal é indicada por parâmetros fonológicos e morfológicos (MARTEN; VAN DER WAL, 2014). Com base nos dados de 16 línguas (uma de cada zona Guthrie) obtidos em gramáticas descritivas e artigos sobre as construções de inversão em bantu, defendo que essas construções estão relacionadas ao modo como a transitividade opera nas línguas do grupo bantu. Considerando como protótipo de oração transitiva as características propostas por Næss (2007), em que há dois elementos nominais maximamente distintos semanticamente, as construções de inversão são divergentes desse protótipo, uma vez que a distinção entre sujeito e objeto se dá de maneira atenuada. Dessa forma, as construções de inversão são um indício de que a transitividade nas línguas bantu tende a se manifestar no intermédio entre os extremos de um contínuo que vai de uma construção minimamente transitiva a uma construção maximamente transitiva. Esse contínuo foi construído com base na gradualidade proposta por Hopper e Thompson (1980) para analisar fenômenos de transitividade. Assim, considero que uma reflexão sobre transitividade nas línguas do grupo bantu deva se ater não necessariamente à distinção entre sujeito e objeto, mas sim ao nível de proeminência atribuído aos participantes denotados em um enunciado.

Palavras-chave: transitividade; inversão de sujeito; bantu.

CONSERVAÇÃO E MUDANÇA NA DESCRIÇÃO DAS PARTES DO DISCURSO DA LÍNGUA JAPONESA POR PORTUGUESES, ESPANHÓIS E FRANCESES

(1543-1856)

Rodrygo Yoshiyuki Tanaka

Podemos determinar que a primeira gramática de autoria europeia que comenta a língua japonesa foi o “*De institvione grammatica libri tres coniugationibus accessit interpretario Iapponica*”, impresso no ano de 1594 na cidade de Amakusa. Essa obra é, na realidade, uma reimpressão do estudo sobre a língua latina de Manoel Alvarez (1526-1583) com traduções e comentários sobre a língua japonesa foram adicionadas. Porém, foi só em 1604, com a “*Arte da Lingoa Iapoa*” do Pe. João Rodriguez Tçuzu (1558?-1634?), que tivemos o primeiro estudo gramatical em que a língua japonesa é o centro de estudo. A obra de Rodriguez se tornou de extrema importância já que, por meio desse estudo, muitos europeus puderam continuar a produção de estudos sobre a língua japonesa mesmo durante o período de isolamento nipônico (1633-1853). Esta comunicação tem como objetivo observar qual a metalinguagem adotada pelos europeus - começando pelos portugueses e espanhóis até os primeiros franceses - para descrever as partes do discurso da língua japonesa em sete gramáticas e quatro dicionários. Por meio dessa análise tentaremos identificar as mudanças de uma retórica de continuidade (conservação) para uma retórica revolucionária (mudança) como proposto por Murray (1994). Também utilizaremos a metodologia proposta por Swiggers (2010) de dividir as análises em quatro dimensões: teórica, técnica, documental e contextual/institucional. Observando todas essas dimensões (e não somente a documental e técnica) podemos ter uma visão mais ampla das influências e inovações.

Palavras-chave: historiografia linguística; linguística missionária; língua japonesa.

A METALINGUAGEM E AS TERMINOLOGIAS PARA DESCRIÇÃO SINTÁTICA NA HISTÓRIA DA GRAMÁTICA: UM ESCRUTÍNIO HISTORIOGRÁFICO

Rogério Augusto Monteiro Cardoso

Esta pesquisa insere-se na área de Historiografia Linguística e tem como objetivo precípuo analisar e interpretar a metalinguagem e as terminologias sintáticas constantes nas gramáticas portuguesas dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, bem como elaborar, para cada um dos autores estudados, uma tabela sinótica do seu léxico especializado. Como as gramáticas portuguesas são herdeiras inequívocas da gramática grega (VIEIRA, 2018), o horizonte de retrospecção da pesquisa tem de ir até os primórdios da área, no século II a.C., quando surgiu a pioneira Τέχνη Γραμματική (*Tékhne Grammatikē*), de Dionísio Trácio. A despeito desse elo epistemológico, a hipótese aqui aventada é a de que o modelo sintático utilizado pela Sintaxe Tradicional, baseado no binômio sujeito-predicado, *não* é uma herança direta da gramática grega, mas uma criação posterior baseada em categorias trasladadas da Lógica. Por meio do *modelo de camadas* (SWIGGERS, 2005), é possível apontar continuidades e descontinuidades entre as obras analisadas, que podem se diferenciar quanto aos seus fundamentos (*camada teórica*), à sua metalinguagem (*camada técnica*), aos seus dados linguísticos (*camada documental*) e ao seu contexto histórico (*camada contextual-institucional*). O foco da pesquisa incide, evidentemente, sobre a metalinguagem. Ao cabo, demonstra-se que as categorias de caso greco-latinas – nominativo, vocativo, genitivo, dativo, ablativo e acusativo – não só tinham a função de indicar as flexões nominais nas línguas clássicas, como também faziam as vezes do que se convencionou chamar hodiernamente de termos da oração. Tempos depois, quando o pensamento gramatical português passou a operar sobre suas próprias bases, tais categorias greco-latinas foram abandonadas em prol de um modelo sintático de base lógico-relacional.

Palavras-chave: historiografia; linguística; gramática; sintaxe; terminologia.

PROPOSTAS DE CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS GERMÂNICAS ANTIGAS NO LIMIAR DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA LINGUÍSTICA NO SÉCULO XIX

Rogério Ferreira da Nóbrega

A classificação de famílias linguísticas é uma prática auxiliar na determinação das origens e dos estágios no desenvolvimento histórico das línguas, indicando o grau de parentesco entre as mesmas. Com o surgimento e a proliferação das especialidades linguísticas, sobretudo à época de sua institucionalização como disciplina científica no contexto alemão do início do século XIX, o estabelecimento de famílias linguísticas não se limitou àquelas hipoteticamente provenientes da imediata desintegração do proto-indo-europeu, tornando-se também frequentes as propostas de subdivisão que dessem conta das ramificações mais distantes do tronco indo-europeu, até o período histórico das línguas. No caso específico das línguas germânicas, houve inúmeras propostas de classificação ao longo dos mais de dois séculos. Não é de nosso conhecimento que haja na literatura um tratamento historiográfico da questão. Autores que revisitaram o histórico do estudo do problema o fizeram com o intuito de se inserirem no debate. Isto posto, objetivo desta comunicação é apresentar uma análise de quatro propostas de classificação das línguas germânicas: Fulda (1776), Adelung (1809), Rask (1818) e Grimm (1819). Trata-se de obras inseridas no contexto da transição entre a linguística praticada no final do século XVIII e a do início do XIX, esta já em processo de institucionalização. Para analisar os critérios e a documentação linguística e filológica em que se basearam os referidos autores para a consecução de suas propostas, utilizamo-nos de parâmetros de análise internos, voltados às práticas linguísticas propriamente ditas, em consonância com os princípios da Historiografia Linguística (SWIGGERS, 2004, 2017). Os resultados obtidos indicam que as propostas divergem consideravelmente entre si, sobretudo no que diz respeito aos métodos e critérios empregados, os quais oscilam entre geográficos, linguísticos e etnográficos. Também divergem quanto ao referente linguístico utilizado e ao próprio produto da classificação dos povos e de suas respectivas línguas, ora bipartite, ora tetrapartite.

Palavras-chave: historiografia linguística; línguas germânicas; famílias linguísticas.

ERGATIVIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO CONSEQUÊNCIA DE EMERGÊNCIA EM CONTEXTO MULTILÍNGUE

Rosana Rogeri

Um dos temas mais estudados sobre a constituição do português brasileiro (doravante PB) é a caracterização da posição gramatical de sujeito. O PB, diferentemente das outras línguas românicas, parece não obedecer a um alinhamento sintático/semântico nominativo-acusativo. São comuns sentenças em que o sujeito pode ser, por exemplo, um circunstancial, como “*Assim vende mais*” ou “*Aquela loja vende sapatos*”. Nesse sentido, a posição de sujeito pode ser preenchida por constituintes outros e que o agente frequentemente não é expresso, provocando um alinhamento mais próximo de ergativo-absolutivo. Existem diferentes explicações para essas e outras diferenças entre o português brasileiro e as outras línguas românicas. A nossa proposta é de que essas mudanças tenham ocorrido em função do contexto multilíngue em que o PB emergiu. Nesse contexto, conviveram o português, línguas nativas brasileiras e as diferentes línguas dos escravizados trazidos ao Brasil, e cada uma dessas línguas pode ter contribuído com traços que se especializaram de uma maneira única, configurando o PB como o conhecemos. A hipótese de que a formação de famílias escravas e de libertos configura um terreno fértil para aquisição dessa nova variedade, e de que os descendentes dessas famílias, pela pouca mobilidade social e pouco acesso à escolarização, ainda são os menos escolarizados e de menor poder aquisitivo, nos possibilita correlacionar o espalhamento desses traços com variáveis sociais como escolaridade e classe social. Esse projeto analisa sentenças de um banco de dados com 152 amostras de fala que compõem o censo linguístico de parte da região noroeste do estado de São Paulo – bando de dados Iboruna. Essa análise visa relacionar o alinhamento sintático/semântico das sentenças com as variáveis sociais de gênero, idade, renda e escolaridade. Essa relação será conferida com teste estatístico de correlação linear e o esperado é entre alinhamento ergativo-absolutivo com menor renda e menor escolaridade.

Palavras-chave: sujeito; contato linguístico; multilinguismo; ergativização do PB.

**DIFERENÇAS ESTRUTURAIS EM SENTENÇAS COM VERBOS DO TIPO
CONVENCER E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO JULGAMENTO DO SUJEITO NULO
EM PB**

Rosiani Bueno de Oliveira Dias

Partindo da premissa que o português brasileiro não se caracteriza mais como uma língua tipicamente *pro-drop* e assumindo que o licenciamento desse sujeito nulo se dê em termos de movimento-A (cf. FERREIRA 2000 e 2004; RODRIGUES 2002 e 2004; NUNES 2008, 2009, 2019 e 2020), este trabalho analisa o julgamento de sujeitos nulos em orações encaixadas encabeçadas por verbos do tipo *convencer*. Estudaremos três subespecificações já estudadas por Ferreira (2000, 2004), Rodrigues (2002, 2004), Nunes (2008, 2009) e Modesto (2000, 2011): *convencer* + *a* + oração infinitiva; *convencer* + *que* + oração finita, e *convencer* + *de que* + oração finita; assim como uma quarta subespecificação ainda não estudada pelos autores supracitados: *convencer* + *de* + oração infinitiva. Argumentamos que essas construções têm diferenças estruturais que culminam em diferentes leituras: com o sujeito nulo da oração encaixada ora retomando apenas o sujeito da oração matriz (*convencer* + *que* + finito); ora retomando apenas o objeto da oração matriz (*convencer* + *a* + infinitivo); e, na presença da preposição *de* (*convencer* + *de que* + finito e *convencer* + *de* + infinitivo), passa a ser ambíguo, podendo retomar tanto o sujeito quanto o objeto da oração matriz. Para corroborarmos que essas diferentes leituras refletem de uma diferença estrutural, aplicaremos a cada uma dessas subespecificações testes propostos por Larson (1991), Baker (1996) e Nunes (2009) e, para explicarmos as diferenças de julgamento do sujeito nulo, trataremos duas hipóteses: a primeira seguindo Corver (1999) em que o CP encaixado se move para posição de Spec nas construções com leitura retomando sujeito e o *de* sendo um reflexo desse movimento; e uma hipótese seguindo Pylkkänen (2002) em que o CP encaixado seja um argumento aplicado e tendo *de* funcionando como Aplicativo Alto.

Palavras-chave: sujeito nulo; verbo “convencer”; preposição “de”; núcleo aplicativo.

OS CINCO SENTIDOS E AS PAIXÕES DO CORPO: ICONIZAÇÃO DE VÍCIOS EM *REYNO DE BABILÔNIA*

Shenna Luíssa Motta Rocha

O presente trabalho objetiva apresentar uma leitura, com base na semiótica discursiva de linha francesa, para um fragmento extraído do quinto capítulo do discurso moral Reyno de Babilônia (1749), de autoria de Leonarda Gil da Gama. O capítulo é intitulado ‘Evidências do pó na fragilidade do barro’ e versa sobre o caráter inconsistente do corpo do ser que peca. Essa inconsistência se corporifica nos cinco sentidos (vista, ouvir, gosto, olfato e tato), que são iconizados e realizam, cada um, seu discurso através da desembreagem enunciativa em primeira pessoa. Ao observar o texto no nível discursivo, compreendemos que suas falas visam a manipular e persuadir seu destinatário, Angélica, a entregar-se às sensações promovidas por eles. Para serem efetivos em sua manipulação, dos discursos dos Conselheiros (os sentidos já iconizados, na posição de destinadores) abundam figuras que apresentam um simulacro do mundo ao seu destinatário, argumentando na tentativa de fazê-la ceder aos apelos das paixões provocadas pelo uso incontido e irrefletido dos sentidos. Sabendo que as figuras dotam o texto verbal de sensorialidade, através da qual proporcionam concretude aos temas sobre os quais versam, nossa análise entende que a profusão de imagens e demais construções sensoriais sugeridas por meio de figuras de retórica, ao lado do efeito de concretização sensorial promovido pela iconização, último grau da figurativização discursiva, são recursos argumentativos para evidenciar os vícios humanos, segundo compreensão da doutrina cristã católica atualizada na obra em análise. Este trabalho propõe uma leitura em que elementos retóricos auxiliam na interpretação semiótica proposta. Abordagem qualitativa, método descritivo. Teoricamente, fundamentamo-nos em Barros (1988, 2004, 2011), Bertrand (2003), Fiorin (2016, 2018, 2019), Greimas (2017).

Palavras-chave: figurativização; sensorialidade; iconização; manipulação; figuras de retórica.

PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS POR FALANTES DE POLONÊS COMO LÍNGUA DE HERANÇA NO SUDESTE PARANÁ

Sônia Eliane Niewiadomski

Língua de herança, doravante LH, diz respeito à língua dos ancestrais de uma comunidade (FISHMAN, 2001). Nessa pesquisa utilizaremos o termo LH para se referir ao polonês falado por brasileiros de ascendência polonesa. Conforme demonstraremos, o uso do polonês como LH acontece principalmente no ambiente familiar. O presente trabalho pretende descrever e analisar alguns processos fonético-fonológicos existentes no polonês europeu, comparando-os com a produção dos mesmos no município de Cruz Machado que tem o polonês como LH. Observaremos possíveis influências do PB na LH. Uma das estruturas a serem analisadas é a coda silábica. No polonês, ocorre encontro consonantal dentro da mesma sílaba (*deszcz* [dɛʂtʂ] ‘chuva’). Um processo muito produtivo em polonês é a dessonorização da obstruinte final de sílaba (*kod* [kɔt] ‘código’ e *śliwka* [ɕlif.ka] ‘ameixa’). No PB, fricativas coronais, nasais e líquidas são as únicas possibilidades em coda e os encontros de consoantes são formadas por líquidas ou nasais seguidas de /s/ (CAGLIARI, 2007). Um processo comum para desfazer encontros consonantais é a epêntese, como em *técnica* [tɛ.ki.ni.ka]. Uma observação inicial nos mostra que os falantes de LH reduzem encontros consonantais. Nos dois casos, também podem acrescentar uma vogal de apoio após obstruintes finais, adequando a estrutura silábica aos padrões do PB. O estudo abará gravação de dados de fala em português e em polonês como LH, analisando tanto dados naturalísticos quanto experimentais. Discutiremos, também, se há e quais são as diferenças encontradas em diferentes gerações de falantes. Finalmente, verificaremos se há influência do português na LH e vice-versa. Como embasamento teórico, recorreremos a estudos de Fonética e Fonologia e pesquisas desenvolvidas sobre interação entre os sistemas sonoros de L1 e L2 e atrito linguístico.

Palavras-chave: LH; processos fonético-fonológicos; polonês; português.

REPRESSÃO DO ESTADO E AUTOAFIRMAÇÃO HOMOSSEXUAL: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA*.

Sued do Nascimento Lima

No fim da década de 1970, embora houvesse um relativo abrandamento das ações repressivas do Estado militar, alguns veículos de informação independentes, ligados a movimentos sociais em processo de recrudescimento, ainda eram constantemente oprimidos pela censura. Nesse contexto, um grupo de jornalistas iniciou, no Rio de Janeiro, a publicação do jornal gay *Lampião da Esquina* (1978-1981) a fim de reivindicar uma visão eufórica da homossexualidade numa sociedade cujo discurso intolerante era reforçado pela constante opressão da ditadura civil-militar. A partir dessas constatações iniciais, este estudo em andamento tem por objetivo compreender a construção de um discurso de autoafirmação homossexual nesse período por meio da análise de edições do *Lampião*. Para isso, recorre-se, fundamentalmente, a ferramentas oferecidas pela semiótica de linha francesa para, num primeiro momento, descrever a organização narrativa e discursiva desse texto e, num momento posterior, examinar as determinações sócio-históricas inconscientes manifestadas pelos percursos temático-figurativos no enunciado. Com vistas a discutir os resultados obtidos na análise semiótica, recorre-se, também, a trabalhos sobre a imprensa gay e o movimento homossexual do período, desenvolvidos por outros campos de estudo das humanidades, como o jornalismo e a antropologia social. Ao fim deste projeto, pretende-se colaborar para um entendimento mais amplo da manifestação discursiva de questões sócio-históricas e políticas relativas ao movimento homossexual brasileiro no período de publicação do *Lampião*.

Palavras-chave: autoafirmação homossexual; *Lampião da Esquina*; semiótica.

UM ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO SOBRE O PROCESSAMENTO TÍPICO E ATÍPICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM ADULTOS SURDOS

Sylvia Lia Grespan Neves

A pesquisa em desenvolvimento tem como objetivo principal descrever o comportamento linguístico de adultos surdos em uma triagem de linguagem baseada na Libras. Os objetivos específicos são: (i) analisar as possíveis diferenças entre surdos com aquisição de Libras em momento adequado, surdos com aquisição tardia de Libras e surdos com queixas distúrbios de linguagem (língua de sinais atípica) e (ii) analisar a produção linguística, a partir da triagem aplicada, de surdos com desordens neurológicas. Para isso, foi realizada uma coleta de dados de 100 participantes surdos. Cada um deles respondeu um questionário de anamnese que continha questões sobre o histórico linguístico e de saúde e em seguida, cada participante foi submetido à aplicação da Triagem de Habilidades Linguística da Libras (BARBOSA, 2017). Os participantes foram divididos em três grupos: o primeiro com período adequado, o segundo com aquisição tardia e o terceiro com sinalização atípica. Os resultados foram analisados estatisticamente. Os resultados da triagem mostraram que grupo de surdos com aquisição em período adequado obtiveram resultado dentro do esperado, com média de pontuação maior quando comparado com o grupo de surdos com atraso na aquisição de Libras e com o grupo de surdos com queixas de linguagem. Os dois primeiros grupos não apresentaram diferença estatisticamente significativa no nível pragmático e discursivo, mas o grupo de surdos com atraso na aquisição apresentou pontuação menor para o nível sintático e fonético-fonológico. A análise estatística do grupo com língua de sinais atípica está sendo preparada. Os dados de exames de imagem e de relatórios médicos foram analisados. Os dados dos sujeitos estão em fase final de análise.

Palavras-chave: língua brasileira de sinais; neurolinguística; surdo atípico.

O ENSINO SOBRE O PAPEL DE LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS EM MATERIAIS DIDÁTICOS DO PNLD 2020

Tâmara Kovacs Rocha

Dois textos importantes regulamentam o conteúdo no Ensino Básico no Brasil, prescrevendo o ensino da variação linguística e da diversidade cultural: a Lei nº 11.645/2008 e a *Base nacional comum curricular*. Ao mesmo tempo, parte das variantes sintáticas presentes no português brasileiro é considerada pela Linguística de Contato (LC) resultado do contato linguístico entre o português e línguas africanas. Dessa forma, essa produção atende a ambos os textos regulatórios do ensino e, portanto, deve ser abordada na educação básica, levando aos alunos o que a ciência tem produzido acerca de quais são e qual a origem dessas variantes. A proposta desta pesquisa é investigar coleções de materiais didáticos de Língua Portuguesa do *Plano nacional do livro didático* para os anos finais do ensino fundamental de 2020, para estabelecer *se e como* tais usos têm sido abordados. A pesquisa apresenta duas frentes: a primeira, descritiva, analisa o material didático segundo três linhas da LC: crioulização (GUY, 1981; HOLM, 1992), derivação imprópria (LUCCHESI, 2012) e ecologia linguística (MUFWENE, 2008); e por um contraponto, que nega o papel do contato (NARO; SCHERRE, 2007), para verificar se conteúdos produzidos por eles estão aparecendo por uma via explícita ou por uma via implícita. A segunda frente, de caráter analítico, vê a forma como esses conteúdos são tratados, com base em três conceitos: o livro como resultado de um processo de representação (de Roger Chartier), dispositivo de racialidade (de Sueli Carneiro) e epistemicídio (de Boaventura de Souza Santos).

Palavras-chave: ensino de português; contato linguístico; decolonialidade; materiais didáticos; línguas africanas.

**AS ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO DO EU DISCURSIVO PARA A ATRAÇÃO
DO OUTRO NOS DISCURSOS DO VÍDEO *ESCOLA DE RICO E ESCOLA DE
POBRE* DO YOUTUBER WHINDERSSON NUNES**

Teresinha de Jesus Ferreira

Este trabalho analisa um vídeo do youtuber Whindersson Nunes intitulado *Escola de rico e de pobre*, postado na plataforma YouTube para depreender quais as estratégias discursivas empregadas, na narrativa construída no vídeo, que atraem os seguidores desse produtor de conteúdos. No vídeo que selecionamos para a análise, bem como em diversos outros vídeos postados na plataforma e até nos shows que o referido youtuber faz, mundo afora, predomina uma intencionalidade do locutor em mesclar acontecimentos de sua vida real nas narrativas contadas ao seu público-seguidor, numa simbiose entre a pessoa na vida real e o sujeito eu colocado na enunciação. Nosso objetivo nesta apresentação é responder à seguinte questão: a imagem estigmatizada do enunciador, que é a de nordestino e pobre, promove a sua aceitação ou, na (des)construção do eu pode haver a construção da identidade dos enunciatários? Para operacionalizar os princípios semióticos, recorreremos a obras que oferecem suporte teórico da semiótica greimasiana: Barros (1997), Greimas (2017), Zilberberg (2007 e 2011), Fontanille e Zilberberg (2001), Greimas e Courtés (2018), Tatit (2019), Fiorin (2016 e 2018) e sustentamos referenciais teóricos acerca dos espaços virtuais em Lévy (1997 e 2011) e Sibilía (2016), bem como em aportes da sociologia, a exemplo, Goffman (2016). Constatamos que o discurso do youtuber é marcado por supostos acontecimentos de sua própria vida e que, por pertencerem a narrativas de um sujeito estigmatizado, conseguem despertar a atenção do público e a adesão ao canal do youtuber, tornando-o um dos maiores youtubers brasileiros, num movimento, de provável identidade com a enunciação enunciada.

Palavras-chave: quadrado semiótico; sintaxe discursiva; triagem e mistura; youtubers, identidade discursiva.

**“MAS EVOLUÇÃO EM LINGUÍSTICA É SÓ UMA METÁFORA, NÃO?” –
LINGUÍSTICA EVOLUTIVA SOB UMA TEORIA EVOLUTIVA GENERALIZADA:
METÁFORA, ANALOGIA OU GENERALIZAÇÃO (OU UNIFICAÇÃO)?**

Thiago Macek Gonçalves Zahn

Em investigações anteriores no âmbito deste projeto, analisei questões em aberto sobre as relações entre linguística e evolução. Essas investigações revelaram diversas abordagens relacionadas a mudanças biológicas e culturais que se enquadram no escopo da Linguística Evolutiva (LE). Uma análise dessas diferentes abordagens, por sua vez, levou à sugestão de que uma forma de as aproximar seria tomar como base uma *ontologia evolutiva generalizada*, na qual seria possível integrar processos biológicos, culturais e suas interrelações (cf. DAWKINS, 1976; HULL, 1980, 1988; PRICE, 1995; GRIESEMER, 2000; OYAMA; GRIFFITHS; GRAY, 2001; ALDRITCH *et al.*, 2008; SCHURZ, 2011; BARAGHITH, 2020). Essa sugestão se depara, entretanto, com um questionamento frequente: fora das ciências biológicas, o uso do pensamento evolutivo não seria, afinal, “apenas uma metáfora ou analogia” (cf. ITKONEN 1999, 2021; ANDERSEN, 2006; BERWICK; CHOMSKY, 2016)? Para responder essa pergunta, utilizo a proposta de Baraghith e Feldbacher-Escamilla (2021), que definem “metáfora”, “analogia”, “generalização” e “unificação” como diferentes formas de “transferência de justificção entre sistemas”, bem como a proposta de Schurz (2011) de quais aspectos definiriam uma base teórica compartilhada por diferentes sistemas evolutivos. Considero, assim como Baraghith & Feldbacher-Escamilla (2021), que a presença de uma base teórica compartilhada legitima a existência de uma teoria evolutiva efetivamente *generalizada*. Argumento também que a evolução linguística – processo que vai além da evolução biológica de características necessárias para a capacidade linguística – pode ser encarada como uma instância dessa teoria evolutiva mais geral, não sendo, portanto, apenas uma metáfora ou analogia. Discuto ainda, brevemente, como abordagens que dão às características biológicas primazia explicativa sobre fenômenos linguísticos – argumentando que “línguas não evoluem” – podem ser entendidas como proponentes de uma *unificação* (BARAGHITH; FELDBACHER-ESCAMILLA, 2021) de explicações biológicas e linguísticas.

Palavras-chave: linguística evolutiva; teoria evolutiva generalizada; analogia; metáfora; epistemologia.

INTELIGÊNCIA SEMIÓTICA, TWITTER E CORONAVÍRUS: *DEEP LEARNING* E ANÁLISE DO DISCURSO

Tulio Ferreira Leite da Silva

Típicas do universo das ciências biológicas, palavras como coronavírus, covid, vacina e vírus tornaram-se o centro da atenção (e das publicações) de um número bastante significativo da população brasileira. Tais termos, com definições científicas bem delimitadas, foram ressignificados para expressar o íntimo dos usuários do Twitter. Cientes disso, utilizamos ferramentas de raspagem de dados (*scrapers*) para coletar 2,645 milhões de textos escritos, entre 2 de maio e 16 de setembro de 2020, e publicados naquela plataforma digital. Entretanto, mais do que fornecer análises quantitativa e qualitativa sobre a forma como os falantes do português no Brasil se relacionaram com os termos, nosso interesse com esta pesquisa é dar continuidade aos estudos apresentados em nosso mestrado (*Inteligência semiótica e TripAdvisor: deep learning e quantificações subjetivas na análise dos discursos de sanção de restaurante*) e desenvolver novas estratégias para o processamento de linguagem natural. Os desafios são muitos. Afinal, enquanto plataformas de avaliação subsumem textos da sanção (vide o conceito de “narrativização da enunciação”), o Twitter contempla todos os componentes do esquema narrativo canônico. Para sermos bem-sucedidos, apoiamos-nos no tema da produção, conforme proposta de Diana Luz Pessoa de Barros, e em avanços semióticos recentes, conhecidos como prosodização do conteúdo (de Claude Zilberberg). Mais do que isso, tratamos os textos produzidos no Twitter como uma “outra língua”, pois partimos da hipótese da “complexidade discursiva na internet” em conexão com a ideia por trás do termo “português-twitter” – utilizado em 2011 como fundamento para a criação de um anotador morfossintático “especializado”. A presente pesquisa tem fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, processo 2020/15160-7, e parte da expressão “inteligência semiótica”, cunhada em nosso mestrado para dar conta da utilização de inteligência artificial, junto às metodologia e epistemologia da semiótica, para o processamento de linguagem natural.

Palavras-chave: semiótica tensiva; deep-NLP; internet; redes neurais artificiais; análise de sentimento.

SUBVERSÃO DE GÊNERO E IMPRENSA FEMINISTA: UM ESTUDO DAS FORMAS DE VIDA DO SÉCULO XIX

Vanessa Pastorini

O presente projeto tem como proposta o estudo sobre as *formas de vida* (FONTANILLE, 2015) das mulheres militantes do século XIX, em consonância com as proposições de gênero apresentadas por Judith Butler (1990, 2014, 2015, 2020). Dentre as adversidades que salientam a relevância do estudo, tem-se o fenômeno do apagamento da história das mulheres ao longo dos anos, bem como a dificuldade de se encontrar materiais produzidos por elas, que possibilitam sua compreensão de mundo, pois muito deles foram produzidos a partir da perspectiva masculina (PERROT, 2015). Tomamos como objeto de estudo dois jornais, *La Femme Libre* (1832) e *La Voix des Femmes* (1848), sendo este considerado o primeiro jornal de fato feminista, pela historiografia francesa (ALBISTUR; ARMOGATHE, 1977). Levando em consideração a *semiosfera* que circunscreve o contexto das publicações, em que os discursos das diferenças biológicas de gênero se encontram no centro normatizador, lançamos luz sobre os contradiscursos produzidos por essas mulheres. Nosso esforço recai, portanto, na compreensão do re-existir dessas militantes, posto que “o presente sempre coloca questões para a história, não por ela ter a resposta, mas porque ela pode, pelo menos, fornecer instrumentos de compreensão” (PERROT, 1998, p. 12). Almejamos, ademais, demonstrar as possíveis contribuições que a semiótica pode oferecer aos estudos de gênero. Não se trata, por conseguinte, de mapear os tipos de dominação vigentes mas, antes, as estratégias de lutas empenhadas pelas mulheres que viveram na França do século XIX, lançando luz sobre suas histórias e identidades.

Palavras-chave: semiótica; estudos de gênero; formas de vida; história das mulheres.

A SINCRONIZAÇÃO DA FALA: ASPECTOS DURACIONAIS, PRAGMÁTICOS E VISUAIS NAS FALAS CONJUNTA E SINCRONIZADA

Verônica Penteado Siqueira

O objetivo deste trabalho é apresentar o projeto de pesquisa de doutorado, cujo tema central é o fenômeno da sincronização da fala. Pode-se definir a sincronização como um tipo de movimento coordenado e cooperativo (CUMMINS, 2018), observável em toda a natureza, desde o piscar de luzes de vaga-lumes até a coordenação necessária entre nossos braços e pernas enquanto caminhamos (STROGATZ; STEWART, 1993). Neste projeto, por sincronização da fala nos referimos ao que Cummins (2018) denomina “fala conjunta” (*joint speech*), uma ação em que várias pessoas falam a mesma coisa ao mesmo tempo, como em um protesto ou em uma oração. Essa é uma expressão espontânea da sincronização da fala, ao passo que a sua realização em condições experimentais, em que duas pessoas leem o mesmo texto ao mesmo tempo, é chamada de fala sincronizada (CUMMINS, 2003). Tendo essas definições em vista, este projeto possui dois enfoques, sendo seu objetivo geral trazer à tona elementos característicos da sincronização da fala. Sobre a fala conjunta, propomos a criação de um *corpus* de fala conjunta, a fim de extrair dele características desse tipo de fala, levando em conta a enunciação e interação entre os falantes e o contexto de produção. Sobre a fala sincronizada, o projeto levanta duas questões específicas: se há uma duração limite a partir da qual podemos definir a fala sincronizada entre dois indivíduos, e quais são os gestos extra-fala que normalmente a acompanham. Para isso, faremos um teste de percepção, em que participantes avaliarão gravações de pessoas falando em sincronia, e faremos a descrição e análise dos gestos extra-fala de um experimento de fala sincronizada. Com isso, buscamos resolver um dilema inerente à pesquisa sobre sincronização da fala: estudar tanto seus aspectos mecânicos e acústico-articulatórios, com a fala sincronizada, quanto suas características discursivas e pragmáticas, com a fala conjunta.

Palavras-chave: fonética; sincronização; fala conjunta; fala sincronizada.

COMPOR O CACIONISTA: APONTAMENTOS PARA UMA ABORDAGEM DO ESTILO NA CANÇÃO

Zeno Queiroz Costa

Esta pesquisa objetiva precisar o valor metodológico do conceito de “dicção” para a metalinguagem descritiva da semiótica da canção, com o intuito assim de delimitar alguns apontamentos que possibilitem uma abordagem teórico-prática do estilo no texto cancional. Almeja-se investigar, pois, a partir daquilo que configura o eixo nuclear da canção – qual seja seus elos de melodia e letra –, o modo pelo qual se pode compor o cacionista, isto é, de que forma, por meio da análise dos textos e de suas relações intertextuais, é possível (re)constituir sua identidade. Para tanto, opera-se inicialmente, com base no exame cronológico dos trabalhos de Luiz Tatit sobre canção popular publicados como livros ou capítulos de livros (de 1983 a 2015), uma arqueologia da semiótica da canção à luz da ideia de “dicção”, a fim de se recuperar tanto a historicidade da teoria quanto a do conceito. Em seguida, explora-se a noção ampla de “estilo” a partir primeiramente de seus estágios de incorporação à anatomia teórica da Escola Semiótica de Paris, em geral, e posteriormente em relação àquilo que toca à canção popular, em específico. Depois, visando a dar materialidade prática às generalidades teóricas, tomam-se para estudo quatro canções de Milton Nascimento, as quais são examinadas em suas dimensões letrística e melódica, para que se possam extrair das análises individuais os traços comuns ao projeto geral de compatibilização que identifica a dicção do enunciador-cacionista.

Palavras-chave: semiótica da canção; cacionista; dicção; estilo; Milton Nascimento.